

Protejo Rato de Biblioteca

Do soldado desconhecido ao soldado conhecido

Fundação Vox Populi



*Um olhar sobre o soldado
António de Sá Leones*

Agrupamento Vertical de Escolas de Arcozelo

Escola Básica de Lagoas

Índice

Tema	Página
Introdução -----	3
Desenvolvimento	
<i>As causas e o desenrolar da 1.ª Grande Guerra</i>	
✓ A rivalidade económica e colonial entre as grandes potências industriais com a agudização das tensões nacionalistas-----	6
✓ O eclodir da 1.ª Grande Guerra-----	7
✓ As frentes e as fases da 1.ª Grande Guerra-----	7
✓ Os custos humanos e materiais da 1.ª Grande Guerra-----	12
✓ A participação de Portugal na 1.ª Grande Guerra-----	12
<i>A participação dos limianos na 1ª Grande Guerra</i>	
✓ A origem dos soldados limianos-----	17
✓ A localização das companhias limianas na Flandres-----	25
✓ A vida nas trincheiras e nos campos de concentração dos limianos-----	27
✓ Os cemitérios onde estão sepultados os soldados limianos-----	30
<i>A história do soldado António de Sá Leones</i> -----	31
Principais conclusões -----	41
Referências bibliográficas -----	42
Anexos -----	43

Introdução

O presente relatório apresenta um estudo sobre a história do soldado António de Sá Leones que morreu no dia 9 de abril de 1918, na 1.ª Guerra Mundial, na sangrenta batalha de La Lys, em França.

No início do relatório faz-se uma abordagem a alguns aspetos da 1.ª Guerra Mundial e à participação dos limianos na mesma.

O tema do estudo surgiu numa das aulas de História e Geografia de Portugal, na qual o professor estava a falar sobre a 1.ª Guerra Mundial. Um dos alunos, que segue o site e a página do Facebook da fundação Vox Populi, sugeriu ao docente a visualização da página da Fundação, pois já tinha conhecimento do projeto “Do Soldado Desconhecido ao Soldado Conhecido”.

Através do Memorial Virtual aos Mortos na Grande Guerra, os alunos descobriram o soldado António de Lá Lemos, oriundo da freguesia de Moreira de Lima, da qual também são naturais uma grande parte dos discentes que pertencem à turma. Ao longo do desenvolvimento do projeto, os alunos descobriram quem foi este soldado que morreu a 9 de abril de 1918. Desta forma surgiu o subtema “Um olhar sobre o soldado António de Lá Lemos”, o qual foi alterado para “Um olhar sobre o soldado António de Sá Leones”, pois os alunos descobriram um erro histórico na transcrição do nome do soldado, quando começaram a fazer pesquisas.

Com este Projeto, pretende-se honrar os soldados que morreram em tempo de guerra.

Objetivos do Projeto

Conhecer e compreender as causas e o desenrolar da 1.ª Grande Guerra

- Descobrir a rivalidade económica e colonial entre as grandes potências industriais com a agudização das tensões nacionalistas
- Conhecer o eclodir da 1.ª Grande Guerra
- Caracterizar as frentes e as fases da 1.ª Grande Guerra
- Conhecer os custos humanos e materiais da 1.ª Grande Guerra
- Conhecer a participação de Portugal na 1.ª Grande Guerra

Conhecer a participação dos limianos na 1ª Grande Guerra

- Descobrir a origem dos soldados limianos
- Conhecer a localização das companhias limianas na Flandres
- Descobrir como era a vida nas trincheiras e nos campos de concentração dos limianos
- Descobrir os cemitérios onde estão sepultados os soldados limianos

Conhecer a história do soldado António de Sá Leones

- Descobrir se António de Sá Leones foi casado e se deixou descendência
- Descobrir o que fazia António de Sá Leones antes de ir para a guerra
- Conhecer como era a família de António de Sá Leones
- Fazer a árvore genealógica de António de Sá Leones
- Construir o BI (Bilhete de Identidade) de António de Sá Leones
- Saber a data em que António de Sá Leones foi para a 1ª Guerra Mundial
- Saber as razões que levaram António de Sá Leones a ir para a 1ª Guerra Mundial
- Descobrir onde foi sepultado António de Sá Leones
- Descobrir como foi a vida do soldado António de Sá Leones nas trincheiras
- Construir o BI (Boletim Individual) do combatente António de Sá Leones
- Descobrir se existem parentes vivos de António de Sá Leones
- Conhecer como é que a família de António de Sá Leones viveu a sua ida para a guerra
- Descobrir a influência da morte de António de Sá Leones na sua família
- Descobrir como é que se vivia na altura da 1.ª Guerra Mundial em Moreira do Lima, a terra natal de António de Sá Leones

A metodologia utilizada

Este estudo está assente numa metodologia qualitativa para se poder aceder à realidade e às perspetivas das diferentes entidades que estão envolvidas de formas diversas no objeto de estudo. O estudo de caso permite uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores.

De acordo com as características do estudo, a informação constante neste relatório foi realizada através da recolha documental sobre o objeto de estudo, de entrevistas a diversos intervenientes, de observação direta, de notas de campo, de análise documental dos registos dos alunos, bem como de registos fotográficos ou de recolha de imagens de vídeo.

Desenvolvimento

A rivalidade económica e colonial entre as grandes potências industriais com a agudização das tensões nacionalistas

A Primeira Guerra Mundial aconteceu entre os anos de 1914 e 1918, porém, tempos antes, principalmente entre os anos de 1870 e 1914, o mundo vivia uma grande euforia que era conhecida como **Belle Époque** (Bela Época). Era um período em que se experimentava um grande progresso, tanto no campo económico como no campo tecnológico. Os países ricos viviam momentos de esperança, crenças de que iriam impor os seus desejos aos países mais pobres. Porém, na verdade, todo esse clima escondia fortes tensões que viriam a deflagrar aquela que também ficou conhecida como a **Grande Guerra ou a Guerra das Guerras**, um dos maiores acontecimentos da história mundial.

Quanto mais os países europeus se industrializavam, maior ficava a disputa entre eles, que queriam dominar não apenas a Europa, mas também modernizar a sua economia, sobrepondo-se sobre as outras nações. Esse clima provocou uma forte tensão, pois os países industrializados disputavam os mercados consumidores mundiais e as matérias-primas com todas as armas que lhes eram possíveis.

Rivalidade económica e colonial entre as grandes potências industriais com a agudização das tensões nacionalistas		
Inglaterra e Alemanha	França e Alemanha	Rússia e Império Austro-Húngaro
A indústria inglesa sofria concorrência dos produtos alemães nos mercados internacionais e a Alemanha precisava de colónias para obter matérias-primas e escoar os seus produtos.	A França desejava recuperar os territórios da Alsácia e da Lorena, perdidos em 1871 a favor da Alemanha.	Ambos os estados procuravam impor a respetiva influência política na região dos Balcãs. Os nacionalistas eslavos (croatas, eslovenos) desejavam libertar-se do Império Austro-Húngaro, a Rússia – protetora dos eslavos – pretendia dominar os estreitos do Mar Negro; Por sua vez, a Sérvia – estado balcânico independente – pretendia formar um estado alargado com os seus vizinhos.

As rivalidades económicas e políticas entre os vários estados europeus provocaram uma corrida aos armamentos, era a chamada paz armada. Para assegurar proteção, foram seguidas políticas de alianças:

-Tríplice Aliança (1879, 1882) – Alemanha, Império Austro-Húngaro e Itália.

-Tríplice Entente (1892-1893, 1907) – França, Rússia e Reino Unido.

Este sistema de alianças era perigoso para garantir a segurança da Europa, pois em caso de conflito entre dois países de uma dada aliança, os restantes membros da mesma tinham de prestar apoio militar ao respetivo aliado, o que trazia o perigo de alargamento de um conflito regional a toda a Europa.



O eclodir da 1.ª Grande Guerra

O desencadear da 1ª Guerra deu-se com o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, enquanto fazia uma visita a Sarajevo, região da Bósnia-Herzegovina. O criminoso era um jovem que pertencia a um grupo Sérvio (Mão Negra) que era contra a intervenção da Áustria-Hungria na região dos Balcãs. Um mês depois, não satisfeita com a resposta ao ultimato entretanto enviado, a Áustria declarava Guerra à Sérvia e assim começava a primeira Guerra Mundial a 28 de julho de 1914.



Assassinato do Arquiduque da Áustria: crime que deflagrou a Primeira Guerra Mundial

A declaração de Guerra da Áustria à Sérvia acionou, de imediato, o sistema de alianças entre países. Assim, sucederam-se as seguintes declarações de Guerra:

Data	28 de julho	1 de agosto	3 de agosto	4 de agosto	5 de agosto	11 de agosto
Países	Áustria à Sérvia	Alemanha à Rússia	Alemanha à França	Bélgica e Inglaterra à Alemanha	Áustria à Rússia	França e Inglaterra à Áustria.

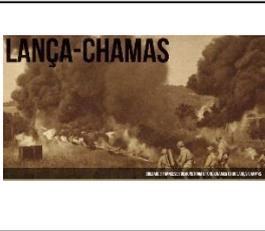
As frentes e as fases da 1.ª Grande Guerra

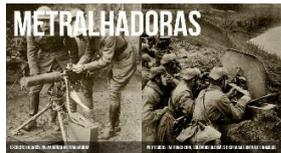
A Grande Guerra dividiu-se nas seguintes fases:

As fases da 1.ª Guerra Mundial	1ª Fase “Guerra de Movimentos”	Em 1914 (data do início da guerra), a maioria dos países beligerantes (em guerra) acreditava que a guerra seria breve. Os alemães pensavam poder dominar a França em poucas semanas, realizando movimentos ofensivos rápidos (daí o nome guerra de movimentos). Invadiram a Bélgica (Neutral) e o Norte de França, com o objetivo de alcançar Paris. Todavia, a ilusão da guerra breve desapareceu rapidamente pois em novembro de 1914 uma contraofensiva francesa deteve o avanço alemão (batalha de Marne). As forças do Triplo Entendimento (que mais tarde iriam ser chamados de aliados) e as potências centrais (império Alemão e Austro-Húngaro) passaram a enfrentar-se numa longa linha que ia do mar do norte à fronteira Suíça - era a frente ocidental. Na Rússia, isto é, na frente oriental, os exércitos do Czar foram sucessivamente derrotados pelos Alemães e obrigados a recuar.
	2ª Fase “Guerra das Trincheiras”	Foi uma dureza indescritível. Por exemplo, no ano de 1916 houve duas tentativas de romper a frente de batalha: uma do lado alemão (batalha Verdun) provocou cerca de 700 mil mortos, a outra franco-britânica (batalha Somme) custou a vida a mais de 1 milhão e 200 mil soldados. As condições de higiene eram péssimas, piolhos, doenças de pele e parasitas são bons exemplos.
	3ª Fase “Bloqueio Económico”	Para além de alterações no mapa político e de importantes mudanças de carácter social, a Grande Guerra teve consequências demográficas e económicas profundas no mundo ocidental. Este conflito originou elevadíssimas mortes em especial na Europa, 8 milhões de mortos e 6 milhões de inválidos. A Europa (principal local de Guerra, foi o mais atingido em termos materiais. Em algumas regiões ficou tudo em ruínas (casas, pontes, estradas, fábricas) e os solos esventrados e calcinados.
	4ª Fase “Movimentos”	-1917: Entrada dos EUA na Guerra -Impérios Centrais: Alemão, Austro-Húngaro, Bulgária, Império Turco -Aliados: Itália, Portugal, Inglaterra, Sérvia, Roménia, URSS, Japão, China, Brasil

O armamento utilizado na 1.ª Grande Guerra

Na 1ª Guerra Mundial o armamento foi-se tornando cada vez mais mortífero. Passaram a utilizar-se canhões poderosos, grandes metralhadoras ligeiras, granadas de mão, gases tóxicos e surgiram pela primeira vez os submarinos, os carros de assaltos (tanques e aviões) e muita artilharia.

<p>Baioneta</p>		<p>Criada no século XVII, a baioneta, que consiste numa espécie de punhal atado a uma arma de fogo, geralmente um rifle, não foi de grande uso prático na Primeira Guerra, devido ao avanço tecnológico bélico e uso de outras armas mais letais. Ainda sim, era bastante comum entre os soldados de todas as nações envolvidas no conflito. Considera-se que tinha mais efeito psicológico que prático.</p>
<p>Lança-chamas</p>		<p>O lança-chamas foi introduzido pelos alemães no começo da guerra e inicialmente causou terror entre as tropas adversárias, que também passaram a adotá-lo pouco depois. De curto alcance, era usado pelos soldados principalmente para abrir caminho para os colegas de infantaria, que vinham logo atrás. No começo da guerra, os lança-chamas usados pelos alemães eram manuseados por bombeiros.</p>
<p>Morteiro</p>		<p>O morteiro foi outro armamento antigo que ganhou uma nova conceção na Primeira Guerra Mundial, caracterizada pela batalha de trincheiras. A sua principal vantagem é que podia ser disparado de uma posição relativamente segura, dentro da própria trincheira, evitando uma exposição desnecessária diante do inimigo. Consequentemente, quando lançado com sucesso, o morteiro caía exatamente dentro da trincheira inimiga, fazendo muitas vítimas.</p>
<p>Granadas</p>		<p>A Primeira Guerra Mundial foi responsável pela popularização do uso de granadas em combates - o sucesso fez com que sejam bastante utilizadas, mesmo atualmente. No primeiro ano do conflito, no entanto, eram utilizadas granadas pouco sofisticadas, e em pequena escala.</p> <p>A partir de 1915, no entanto, a produção em massa e o avanço tecnológico levaram ao uso de milhões de unidades durante os combates. O número e a frequência de ataques com granadas foi crescendo ao longo da guerra, tornando-se um componente muito importante de todo o movimento de infantaria dos exércitos.</p> <p>A granada era muito eficaz no ataque às trincheiras e túneis adversários. Podiam ser lançadas à mão ou por meio de rifles, a uma distância maior. Eram detonadas basicamente de duas maneiras: por impacto ou por meio de um temporizador, sendo esta a preferida pelas tropas, devido, principalmente, ao menor risco de explosão por acidente.</p>
<p>Pistolas e revólveres</p>		<p>As pistolas e revólveres eram usados maioritariamente por oficiais, policiais militares e pelo pessoal que atuava em tanques e aviões, já que para estes era quase impraticável transportar um rifle – arma carregada por quase todos os soldados na guerra.</p> <p>A pistola, considerada a mais famosa da Primeira Guerra Mundial foi a Luger, usada pelo exército alemão – era considerada um troféu quando capturada pelos aliados. A Webley, no entanto, utilizada pelos britânicos, não ficou muito atrás em termos de reputação.</p>

<p>Rifles</p>		<p>Apesar dos avanços tecnológicos neste período, o rifle manteve-se como o armamento mais crucial para o trabalho de um soldado, sempre presente em qualquer unidade de infantaria. Era com os rifles que os soldados participavam nas ações de ataque e defesa, bem como nos períodos de folga entre as batalhas.</p>
<p>Metralhadoras</p>		<p>Criada no século XIX, a metralhadora ganhou verdadeira alma e fama durante a Primeira Guerra Mundial. Arma de fogo automática, capaz de disparar sucessivamente, a metralhadora dominou e personificou os campos de batalha do conflito. A sua capacidade para abater ou deter rapidamente um grande número de adversários mudou a história das guerras travadas até então, e garantiu a sua presença nos conflitos que vieram a seguir. Os alemães foram os primeiros a perceber o potencial das metralhadoras, já no início da guerra. Os adversários logo se deram conta do seu poder e passaram a utilizar o armamento em larga escala. Devido ao tamanho, ao peso, necessidade de muita munição e mecanismos de arrefecimento, as metralhadoras destacaram-se pelo desempenho defensivo: o seu uso era altamente eficaz contra os assaltos de infantaria inimiga. Quando bem posicionadas, principalmente em trincheiras fortemente protegidas, as metralhadoras podiam ser consideradas quase intransponíveis.</p>
<p>Tanques</p>		<p>Os tanques demoraram a fazer a sua “estrela” na Primeira Guerra Mundial. Ainda em fase de desenvolvimento no início do conflito, as primeiras unidades, utilizadas pelos britânicos, só foram vistas em campos de batalha em 1916. Apesar da surpresa e pânico causados entre os alemães, os tanques não tiveram grande sucesso inicial, uma vez que ainda era muito comum que se partissem e ficassem presos nos palcos de combate lamacentos. Entre o final de 1917 e início de 1918, os tanques passaram a ser produzidos pelos principais protagonistas da guerra – Reino Unido, França, Alemanha e Estados Unidos – depois de observar o desempenho do equipamento em combates. Os alemães, apesar do histórico de vanguarda no desenvolvimento bélico, não se convenceram muito da utilidade dos tanques, e pouco os utilizaram. Foi em 1918, já no último ano da guerra, que os tanques passaram a ser usados em maior escala e de forma parecida com a que vemos atualmente, ou seja, como parte de um esforço coordenado envolvendo artilharia, tanques e aviões de guerra, todos alinhados para abrir caminho entre as tropas inimigas e permitir o avanço da infantaria.</p>
<p>Armas químicas</p>		<p>O uso esporádico de armas químicas precede a Primeira Guerra Mundial. No entanto, foi nesse conflito que o seu emprego ganhou notoriedade, graças à quantidade e amplitude com que foram utilizadas. Os primeiros a usarem granadas de gás não letal foram os franceses, no início do conflito, para conter uma ofensiva alemã. Mas foram os germânicos os primeiros a empregar armas químicas em larga escala, e por isso são comumente associados a elas.</p>
<p>Gases venenosos</p>		<p>A introdução do gás venenoso na guerra, aconteceu em 22 de abril de 1915, em Ypres, na Bélgica. Num ataque contra tropas da França e Argélia, a Alemanha lançou um bombardeio com um gás verde e amarelo, que seria o gás cloro. Apanhados de surpresa, os franceses e os argelinos inalaram o gás e quase que instantaneamente começaram a sentir-se mal, sofrendo problemas respiratórios.</p>

		<p>O ataque, no entanto, não representou grande vantagem para os alemães. Em pânico, muitos soldados franceses e argelinos fugiram e abandonaram os seus postos, mas o medo dos efeitos do gás entre a própria tropa alemã, além da falta de reforços, impediu um avanço maior dos germânicos nessa batalha. Apesar da condenação e recriminação de toda a comunidade internacional desse ataque, pouco depois desse episódio franceses e britânicos passaram também a utilizar armas químicas, transformando os cientistas nos protagonistas do conflito.</p> <p>O uso de armas químicas atingiu outro nível quando os alemães desenvolveram o gás mostarda. Difícil de detetar no início e quase inodoro, provoca rapidamente vômitos, problemas de pele e respiratórios, e em alguns casos até cegueira temporária. O gás mostarda foi utilizado pela primeira vez em 1917, contra os russos, sendo lançado pela artilharia.</p> <p>Ainda que outros gases tenham sido empregados, como o bromo e o nervoso (obtido do ácido cianídrico), o mostarda, o cloro e o fosgênio foram os principais durante a Primeira Guerra Mundial. Estima-se que os ataques com armas químicas deixaram mais de 90 mil mortos, a maioria entre as tropas russas.</p> <p>Para se proteger, os soldados inicialmente colocavam algodão, mergulhado numa solução de bicarbonato de sódio, sob o rosto. O uso de panos encharcados de urina também se mostrou eficaz contra os efeitos do cloro. A partir de 1918, as tropas dos dois lados já estavam mais preparadas para se proteger dos gases, com o uso de máscaras, o que diminuiu consideravelmente o número de mortes provocadas pelos agentes químicos até ao fim da guerra.</p> <p>Os horrores e a repulsa causados pelos gases venenosos levaram à sua proibição internacional, em 1925, no Protocolo de Genebra. A sua proibição continua em vigor, apesar do registo de uso de armas químicas em vários conflitos desde então, como no Iraque - em confronto contra o Irão e minorias curdas, na década de 80 e na Síria, mais recentemente.</p>
<p>Aviões de guerra</p>	 <p>SIKORSKY ILYA MUROMETS PRIMEIRO PRINCIPAL BOMBARDEIRO DO MUNDO ORIGEM: RUSSIA VELOCIDADE MÁXIMA: 110 KM/H ENvergadura: 21,0 M COMPRIMENTO: 18,0 M</p> <p>ZEPPELIN-STAAKEN RIESENFLUGZEUG BOMBARDEIRO DE ALTO ALÇAMENTO ALIADO ORIGEM: ALEMANHA VELOCIDADE MÁXIMA: 155 KM/H ENvergadura: 22,0 M COMPRIMENTO: 25,0 M</p>	<p>No início da Guerra, a aviação ainda dava os seus primeiros passos, e a indústria não era muito desenvolvida. Os generais destinavam as aeronaves mais importantes para missões de observação e reconhecimento do que propriamente como armas de guerra. Terminado o conflito, os aviões, depois de grande desenvolvimento e impulso tecnológico, mostraram o seu valor e configuravam-se como principais elementos do planeamento estratégico militar.</p> <p>Os principais modelos utilizados na Primeira Guerra Mundial foram:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Ilya Muromets, integrante do famoso esquadrão russo Escadra Vozdushnykh Korabley, conhecido pela sigla EVK; - na França, tiveram destaque o Voisin e o Breguet 14; - os britânicos produziram vários modelos que desempenharam importante papel na guerra, como o Sopwith 1½ Strutter, o BE2c, o DHA e os aviões da série Handley Page, principalmente o O/100. <p>A Alemanha, por sua vez, chegou a apostar no famoso dirigível Zeppelin, até privilegiar o uso dos bombardeiros Gotha e Zeppelin-Staaken Riesenflugzeug, apelidado de Gigante e de grande impacto no conflito – militar e psicológico.</p>

A Vitória dos Aliados

No ano de 1917 os Estados Unidos da América decidiram entrar na guerra, transportando para a Europa um milhão de soldados bem equipados e bem armados. A situação económica na Alemanha e na Áustria tornou-se dramática e sucederam-se os confrontos sociais, violentamente reprimidos pelos militares.

Em julho de 1918 os Aliados lançaram a sua ofensiva decisiva. A Alemanha, progressivamente abandonada por todos os seus parceiros, que foram pedindo a paz, solicitou o fim das hostilidades e em novembro foi assinado o Armistício (suspensão das operações militares durante um conflito, com vista à realização de conversações e à eventual celebração de um tratado de paz) que pôs fim à Guerra.

Terminada a Guerra, os países aliados reuniram-se em Paris na conferência da Paz (1919), onde uma das tarefas era o reordenamento do espaço europeu, do médio oriente e das possessões coloniais dos países vencidos.

Nesta conferência foram aprovados vários tratados, um dos quais o de Versalhes, com a Alemanha. Estes tratados impuseram aos países vencidos condições humilhantes e definiram um novo mapa político mundial que estabelecia à Alemanha as seguintes condições:

- restituir a Alsácia e a Lorena à França;
- ceder as minas de carvão do Sarre à França por um prazo de 15 anos;
- ceder as suas colónias, submarinos e navios mercantes à Inglaterra, França e Bélgica;
- pagar aos vencedores, a título de indemnização, a fabulosa quantia de 33 bilhões de dólares;
- reduzir o seu poderio bélico, ficando proibida de possuir força aérea e de fabricar armas;
- reduzir o exército a menos de 100 mil homens.

Só a China recusou assinar o contrato...

A guerra trouxe inúmeras consequências, entre elas:

- centenas de Famílias destruídas e crianças órfãs (Cerca de 10 milhões de mortos);
- os EUA vieram a tornar-se o país mais rico do mundo;
- fragmentação do império Austro-Húngaro;
- surgimento de alguns países (Jugoslávia) e desaparecimento de outros;
- divisão do império turco após 200 anos de decadência;
- aumento do desemprego na Europa.

Os custos humanos e materiais da 1.ª Grande Guerra

Os números da Primeira Guerra Mundial

Mesmo com o fim da Guerra, a tristeza ainda continua em vários países. Isso porque o número de mortos é impressionante, **estima-se que cerca de 9 milhões de pessoas morreram e 20 milhões ficaram feridas com a Guerra. A Alemanha é o país que mais homens perdeu** durante a Guerra: quase 2 milhões de mortos. De seguida apresenta-se uma lista de quantos homens participaram na Guerra e o número de mortos de alguns países.

País	N.º de homens participantes	N.º de mortos
Grã-Bretanha	9.500.000	1.000.000
França	8.200.000	1.500.000
Rússia	13.000.000	1.700.000
Itália	5.600.000	533.000
Estados Unidos	3.800.000	116.000
Alemanha	13.250.000	1.950.000
Áustria-Hungria	9.000.000	1.050.000
Império Otomano	2.850.000	325.000
Portugal	200.000	10.000

A participação de Portugal na 1.ª Grande Guerra

A notícia da declaração de Guerra da Inglaterra à Alemanha chegou a Portugal a 4 de Agosto de 1914. No mesmo dia, o secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros inglês, Eyre Crowe, aconselhou Portugal a abster-se de proclamar a neutralidade, assegurando que em caso de ataque pela Alemanha contra qualquer possessão portuguesa, o Governo de Sua Majestade consideraria-se ligado pelas estipulações da aliança anglo-portuguesa.



O governo português compreendeu rapidamente os impactos imediatos que a Guerra teria para Portugal, atento à posição das colónias portuguesas e às circunstâncias políticas que condicionavam a jovem República.

A 7 de agosto, Bernardino Machado, presidente do Ministério, submeteu ao Congresso da República, reunido extraordinariamente, uma declaração de princípios sobre a condução da política externa portuguesa. Portugal não faltaria ao cumprimento das suas obrigações internacionais, em particular as impostas pela sua aliança com a Inglaterra. Por pressão do Foreign Office, Portugal não podia declarar-se nem beligerante nem neutral face à Guerra na Europa. Dias depois, 21 de agosto, foi decretado o envio de dois destacamentos mistos (artilharia de montanha, cavalaria, infantaria e metralhadoras) com destino a Angola e Moçambique. As primeiras tropas portuguesas partiram para África um mês mais tarde.

Instalar-se-ia entretanto a divergência, entre intervencionistas e não-intervencionistas na guerra, mesmo dentro do Governo. Desejada e procurada por uns, poucos, evitada ou rejeitada e criticada por outros, a intervenção de Portugal na Guerra e a participação específica de forças militares na frente europeia desencadeou um debate intenso, conturbado e generalizado, concentrando o confronto de ideias,

argumentos e posições políticas extremadas, e concitando a contestação crescente de grande parte da sociedade portuguesa.

Os intervencionistas, liderados pelo partido Democrático chefiado por Afonso Costa, defendiam a participação de Portugal na frente europeia de guerra ao lado da Inglaterra. Já o líder do Partido Unionista, Brito Camacho, colocando em causa os argumentos apresentados pelos intervencionistas, defendia a necessidade de se respeitar a vontade da Inglaterra quanto ao papel e às funções que Portugal deveria ou não ser chamado a desempenhar na frente europeia de guerra. Camacho entendia que Portugal não deveria “forçar” a sua participação na guerra europeia.

Ao centro, assumindo um tom marcadamente moderado, encontrava-se o Partido Republicano Evolucionista, chefiado por António José de Almeida. O líder dos Evolucionistas nunca hesitou em colocar-se ao lado do governo britânico, dando-lhe o apoio do seu partido. Democráticos e Evolucionistas constituiriam, em março de 1916, o Governo de “União Sagrada”.

O Partido Socialista e os movimentos anarquistas e sindicais, apesar da sua fraca expressão numérica, mas significativa influência social, mostraram-se desde o início contrários à participação no conflito.

Tanto “guerristas” como “anti-guerristas” defendiam o envio de tropas portuguesas para África, apontando a necessidade da República defender a integridade do império colonial português.

Entretanto, embora a neutralidade acabasse por se manter até março de 1916, os impactos de um conflito em escalada mundial, prolongando-se por um período muito para além do que se imaginara, far-se-iam sentir de forma muito intensa, refletindo-se na escassez e na carestia de bens essenciais à subsistência de uma população cujos níveis de contestação social e política se intensificavam.

Em 1914, com exceção da Etiópia, da Libéria e da União Sul Africana, que eram independentes, da Líbia e de Marrocos que não tinham sido ainda “formalmente conquistados”, o resto do continente africano encontrava-se ocupado e dividido entre o Reino Unido, França, Portugal, Alemanha, Espanha, Itália e Bélgica. A Grã-Bretanha detinha o maior império em África, controlando cerca de 4/5 do comércio na região a Sul do Sahara. A Alemanha, por sua vez, dando continuidade à política iniciada por Bismark no final do século XIX, detinha um pequeno império, mas estrategicamente posicionado, estendendo-se de Madagáscar até à entrada do Mar Vermelho. Ambos os impérios faziam fronteira com territórios sob administração portuguesa, cujo domínio tinham começado a disputar no palco internacional.

A posição geo-estratégica dos territórios portugueses em África, aliada à dimensão periférica, económica e financeiramente frágil da metrópole, suscitou, logo a seguir ao assassinato de Sarajevo, a imediata e particular atenção da República portuguesa.

Entre 1914 e 1918 Portugal mobilizou cerca de 30 000 homens para combater em Angola e em Moçambique. Grande parte dos militares que integraram estas expedições chegaram a África já doentes, incapazes de resistir às terríveis condições de higiene vividas durante a viagem.

Em 1916 a posição de Portugal alterou-se tornando-se um país efetivamente beligerante a partir da declaração de Guerra que a Alemanha lhe dirigiria em Março de 1916. A declaração surgia na sequência do

aprisionamento dos navios alemães e austríacos refugiados nas águas neutras portuguesas que os ingleses solicitaram a Portugal.

A 23 de fevereiro de 1916, um destacamento da Armada portuguesa subiu a bordo dos navios alemães e austríacos que se encontravam no estuário do Tejo e, com honras militares, fez içar a bandeira portuguesa. A 9 de março de 1916 a Alemanha declarou guerra a Portugal.

A declaração de guerra da Alemanha a Portugal determinou o início da intervenção portuguesa na frente europeia, dando lugar ao entendimento entre os Partidos Democrático e Evolucionista na constituição do Governo de União Sagrada.

A 24 de maio, o ministro da Guerra, Norton de Matos (natural de Ponte de Lima), publicou um diploma ordenando o recenseamento militar obrigatório de todos os cidadãos com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos. Foram então criados o **Corpo Expedicionário Português (CEP), ao qual pertenceu o soldado António de Sá Leones** e, mais tarde, o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI). A preparação do CEP tornou-se prioridade absoluta, iniciando-se o chamado “milagre de Tancos”.

Norton de Matos nasceu em 1867, em Ponte de Lima e, após a implantação da República, aderiu ao Partido Democrático de Afonso Costa, ocupando altos cargos políticos na vigência da Primeira República, nomeadamente, os seguintes: de 1912 a 1915 foi Governador-Geral de Angola; em 1915 foi nomeado Ministro das Colónias e, mais tarde, Ministro da Guerra (nessa qualidade foi o responsável máximo pela organização do CEP (Corpo Expedicionário Português), que combateu em África e em França, durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), embora Portugal só tivesse entrado no conflito, na Europa, em 1916; após a assinatura do Armistício desempenhou vários cargos diplomáticos: primeiro, como delegado à Conferência da Paz (1919), e depois como embaixador de Portugal em Londres; de 1920 a 1924 voltou a Angola como Alto Comissário; regressa a Londres como embaixador, onde tem notícia do Golpe de Estado Militar de 28 de maio de 1926, que acaba com a Primeira República. Destituído, naturalmente, de todos os cargos políticos, é preso e deportado para os Açores, onde vive até 1929. De 1929 a 1935 desempenhou o cargo de Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, foi presidente da Aliança Republicano-Socialista, mantendo sempre uma clara marca de antifascista. A sua candidatura à Presidência da República, nas “eleições” de 1949, foi o culminar deste percurso.



O CEP, com duas divisões, combateu na Flandres entre novembro de 1917 e 9 de abril de 1918, ocupou um setor da frente entre Armentières e Bethune, compreendendo uma distância de doze quilómetros.

Ao longo dos anos de 1917 e 1918 o CEP participou em vários combates. **A sua intervenção ficou marcada pela batalha de La Lys, travada a 9 de abril de 1918, data prevista para a rendição do efetivo**

militar português. Foi nesta batalha que morreu o soldado António de Sá Leones. O CEP foi destruído pelo exército alemão e inúmeros dos seus efetivos feitos prisioneiros. O que sobrou do CEP deu origem, em outubro, à formação de três batalhões que perseguiram as forças alemãs antes do Armistício.

Desde a entrada de Portugal na guerra até à assinatura do Armistício, a 11 de novembro de 1918, Portugal mobilizou mais de 75 000 homens para a Flandres.

A mobilização do País para a guerra, convocando todos os recursos, humanos e materiais, ficou longe de suscitar o consenso, aumentando a contestação contra o governo da União Sagrada e o envio de tropas para França, crescendo as divisões internas em todos os planos, incluindo dentro das Forças Armadas.

Confrontada com o aumento das dificuldades, as reações repressivas do poder político e policial, a maior parte das vezes inusitadamente violentas, a ineficácia ou insuficiência das diversas medidas tomadas a nível nacional ou municipal, a população fez sentir a sua insatisfação e o seu desespero com uma intensidade ímpar ao longo dos anos de conflito. Aos problemas decorrentes da natureza do tecido produtivo nacional e do elevado grau de dependência externa, acresciam os efeitos da pressão inflacionista, do esforço financeiro associado às despesas de guerra, dos montantes atingidos pelo endividamento interno e externo, arrastando o País para um contexto de crise económica e financeira, cujas consequências perduraram para além do fim do conflito.

A Guerra exacerbou vulnerabilidades económicas, acentuou divergências políticas e aprofundou clivagens sociais. A tendência evoluiu no sentido do agravamento da situação política e social do País, compondo o ambiente em que ocorreu o golpe de Sidónio Pais e, pondo em causa as instituições republicano-liberais, a experiência autoritária sidonista.

Ao impacto da Guerra ficou a somar-se o pesado saldo humano e material da participação portuguesa, e as expectativas frustradas dos que a tinham advogado, desde logo no plano internacional, conforme ficou explícito na Conferência de Paz.

Tendo tido um impacto brutal no campo económico e social e acabando por pôr em causa o próprio regime republicano, que em vão procurava afirmar-se através dela, para Portugal, a Guerra foi sob todos os pontos de vista a passagem para um Mundo diferente, inexoravelmente refém do impacto de uma guerra que se tornara global.

Forças Portuguesas Mobilizadas entre 1914 e 1918

Total das Forças Mobilizadas para os teatros de Guerra da Europa e África (1914-1918)					
	Oficiais	Sargentos	Praças	Praças indígenas	Total
CEP	3.376	3.051	48.658	0	55.085
CAPI	70	120	1.138	0	1.328
Angola (1914-1915)	387	403	11.640	6.000	18.430
Moçambique (1914-1918)	1.128		19.295	10.278	30.701

Soma	4.961	3.574	80.731	16.278	105.542
-------------	-------	-------	--------	--------	----------------

Relação do pessoal Mobilizado para o CEP (ao qual pertenceu o soldado António de Sá Leones)							
Armas e Serviços	Oficiais	Sargentos	Cabos	Soldados	Enfermeiras	Enfermeiros	Total
Infantaria	1.502	1.698	2.961	29.470			35.631
Artilharia	628	639	1.132	7.223			9.622
Engenharia	210	271	664	2.954			4.099
Cavalaria	125	222	227	1.629			2.203
Serviço de Saúde	475	163	311	978			1.927
Serviço de Administração Militar	240	58	103	1.006			1.407
Armada	1						1
Equiparados	114						114
Corpo de Estado-Maior	43						43
Cruz Vermelha	2				54	26	82
Secretariado	36						36
Soma	3.376	3.051	5.398	43.260	54	26	55.165

Forças enviadas para Angola

	Total
Oficiais	392
Praças	11 570
Chauffers e artifices contratados	207
Totais	12 169

Forças enviadas para Moçambique

	Total
Oficiais	825
Praças	18 273
Chauffers e artifices contratados	340
Totais	19 438

Fonte: Arrifes, Marco Fortunato, *A Primeira Guerra na África, Angola e Moçambique (1914-1918)*, p. 169.



Soldado português



Treinos do exército português em França

A origem dos soldados limianos

Nas tabelas que se seguem estão registados os nomes dos soldados limianos na 1.ª Guerra Mundial. Doze limianos eram de Moreira do Lima, localidade do soldado António de Sá Leones. Desses, dez limianos pertenciam ao Regimento de Infantaria nº3, o mesmo do nosso soldado e um era seu familiar, primo, (José Caetano da Cunha Pereira Leones).

Arquivo Histórico Militar - BOLETINS INDIVIDUAIS DE MILITARES DO CEP 1914-1918 - OFICIAIS		
NOME	Localidade	CONCELHO
Manuel Luís Mendes - Tenente-Coronel do C.A.P.	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Alfredo Fernandes de Oliveira - Tenente do 2º Grupo de Metrelhadoras	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João António da Silva Gomes - Aspirante a Oficial Miliciano de Infantaria	Refoios	Ponte de Lima
Marcelino Ramos - Alferes	Anais	Ponte de Lima
João Fiúza Laranjo - Aspirante a Oficial Miliciano de Infantaria (Era 2º sargento e tinha o nº de placa 50086)	Arcozelo	Ponte de Lima
Joaquim Tristão Pereira Pimenta - Alferes de Infantaria (Era Sargento Ajudante e tinha o nº de placa 49098)	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Isidro Fernandes Leitão - Tenente de Administração Militar	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Amorim - Alferes Farmacêutico Miliciano	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João do Nascimento Pereira - Aspirante a Oficial Miliciano de Infantaria (Era 2º sargento e tinha o nº de placa 49606)	Ribeira	Ponte de Lima
Domingos Joaquim Gonçalves - Alferes do Q.A. de Artilharia	Refoios	Ponte de Lima

Fonte: <http://genealogiafb.blogspot.pt/>

Arquivo Histórico Militar - Boletins Individuais de Militares do CEP, 1914-1918 SARGENTOS e PRAÇAS		
Nome	Localidade	Concelho
Abeilard Rodrigues de Morais - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Abílio Fagundes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vilar das Almas	Ponte de Lima
Abílio José Domingues - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Cabração	Ponte de Lima
Abrão de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº9	Arcozelo	Ponte de Lima
Adelino Augusto Arraes Torres de Castro - Segundo sargento	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Albino Manuel Fernandes - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	São Pedro de Arcos	Ponte de Lima
Albino Manuel Velho - 1ºCabo - Regimento de Cavalaria nº11	São Pedro de Arcos	Ponte de Lima
Alfredo Leite de Macedo - 1ºCabo - C.M.W. nº2	Ribeiro	Ponte de Lima

Amadeu António Matos - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Américo Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
Anibal Gonçalves - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	Estorãos	Ponte de Lima
Anibal Gonçalves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Estarão	Ponte de Lima
António Afonso Sousa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Brandara	Ponte de Lima
António Alves - Soldado - G.A.M.	Correlhã	Ponte de Lima
António Alves Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Comba	Ponte de Lima
António Alves Martins - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António Araújo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
António Barbosa de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Comba	Ponte de Lima
António Beijera da Costa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião do Freixo	Ponte de Lima
António Cardoso - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Poiares	Ponte de Lima
António Carneiro de Sá - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Feitosa	Ponte de Lima
António Cerqueira - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
António Cerqueira - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António Cerqueira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Maria Rebordões	Ponte de Lima
António Cerqueira - Soldado - Regimento de Infantaria nº8	Santa Marinha de Anais	Ponte de Lima
António Coelho - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São salvador do Souto	Ponte de Lima
António Correia - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Tiago de Gemieira	Ponte de Lima
António da Costa Lima Guimarães - Soldado - G.C.Adm. Militar	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António da Costa Mendes - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António da Cunha - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Eulália	Ponte de Lima
António da Cunha - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
António da Fonte Vaz - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António da Gama - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Brandara	Ponte de Lima
António da Silva - Soldado	São João da Ribeira	Ponte de Lima
António da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
António da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino dos Piais	Ponte de Lima
António de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ardegão	Ponte de Lima
António de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
António de Araújo - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Rial de Bairro	Ponte de Lima
António de Deus Vieira - Soldado	Santa Comba	Ponte de Lima
António de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
António de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Sá	Ponte de Lima
António de Sá Leones - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
António de Sousa - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	São Salvador de Souto	Ponte de Lima
António de Sousa Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calhariz	Ponte de Lima
António Dias - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
António Dias de Oliveira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Queijada	Ponte de Lima
António Esteves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João de Ribeira	Ponte de Lima
António Fernandes Pereira - Soldado - R.O.C.	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António Fernandes Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
António Fornelos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arca	Ponte de Lima

António Francisco da Costa - Soldado	Calvelo	Ponte de Lima
António Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
António Gomes Ferreira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ardegão	Ponte de Lima
António Gonçalves - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Anais	Ponte de Lima
António Gonçalves - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
António Gonçalves Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
António Gonçalves Meira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Poiares	Ponte de Lima
António Guerra - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
António José Barreiro Junior - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº6	Gandara	Ponte de Lima
António José Cardoso - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gaifar	Ponte de Lima
António José da Costa - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
António José da Silva - 1ºCabo - Regimento de Obuses de Campanha	Ardegão	Ponte de Lima
António José Fernandes - 2ºCabo - Regimento de Obuses de Campanha	Navió	Ponte de Lima
António José Ferraz - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
António José Ferreira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
António José Gomes - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	São Martinho da Gandaia	Ponte de Lima
António José Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Friastelas	Ponte de Lima
António José Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
António Luís Gonçalves - Soldado	Porto de Lima	Ponte de Lima
António Manuel Vaz - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fontão	Ponte de Lima
António Maria de Araújo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
António Martins - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Serdedelo	Ponte de Lima
António Pereira Carneiro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Serdedelo	Ponte de Lima
António Pereira da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino de Piães	Ponte de Lima
António Rodrigues - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
António Rodrigues Armada - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
António Vieira Duarte - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ribeira	Ponte de Lima
Avelino Rodrigues - Soldado	Fornelos	Ponte de Lima
Basilio Trigueiro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Benjamim Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Bento Gonçalves de Sousa - Primeiro-Cabo	Carinho	Ponte de Lima
Bernardo Fernandes Laranjo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
Boaventura da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Casimiro Barbosa de Castro - Soldado	Ardegão	Ponte de Lima
Casimiro Joaquim Carvalho - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Souto de Abade	Ponte de Lima
Claudino de Araújo - Soldado	Friastelas	Ponte de Lima
Clementino Alves - Soldado	Estorãos	Ponte de Lima
Constantino Gomes - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Constantino José Pereira - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	São Martinho da Gandra	Ponte de Lima
Cristóvão Alves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
Custódio Rodrigues dos Santos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calheiros	Ponte de Lima
Custódio Rodrigues Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Bárrio	Ponte de Lima
David da Fonte - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima

Delfim de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cabração	Ponte de Lima
Dionisio Rodrigues de Sousa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Labruge	Ponte de Lima
Domingos Fernandes Freitas - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Rebordões	Ponte de Lima
Domingos Fernandes Dantas - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Salvador do Souto	Ponte de Lima
Domingos Gonçalves Monteiro - Soldado - Corpo Artilharia Pesada	Garçal	Ponte de Lima
Domingos Joaquim Gonçalves - Sargento Ajudante	Refoios	Ponte de Lima
Eduardo Pereira da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Estanislau Espirito - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino de Piães	Ponte de Lima
Eugénio da Cunha - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Comba	Ponte de Lima
Fernando Gonçalves Novo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Maria dos Anjos	Ponte de Lima
Flávio da Costa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Francisco Afonso de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Salvador de Souto	Ponte de Lima
Francisco António Pereira Dantas - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Francisco da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha de Anais	Ponte de Lima
Francisco da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino dos Piães	Ponte de Lima
Francisco de Araújo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
Francisco de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Beiral	Ponte de Lima
Francisco de Passos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino de Piães	Ponte de Lima
Francisco Dias do Carvalho - Soldado	Vitorino das Donas	Ponte de Lima
Francisco Freire - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Francisco Gonçalves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Beiral do Lima	Ponte de Lima
Francisco Gonçalves - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Casa Nova	Ponte de Lima
Francisco Guerra - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
Francisco Martins - Soldado - R.O.C.	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Francisco Mendes - Soldado - Corpo Artilharia Pesada	São Martinho de Gandra	Ponte de Lima
Francisco Pereira - Soldado - R.I.1	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Francisco Rodrigues Vieira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Beiral	Ponte de Lima
Franciso de Aaraújo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cachelo	Ponte de Lima
Gaspar António de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Guilherme Manuel Domingues - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Henrique da Silva Dias - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião de Freixo	Ponte de Lima
Isidro Gonçalves da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Souto de Abade	Ponte de Lima
Januário Fernandes - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Estorãos	Ponte de Lima
João Afonso Gonçalves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cabração	Ponte de Lima
João Alves Brandão Junior - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Labruja	Ponte de Lima
João Amaral - Soldado - Corpo Artilharia Pesada	Fonte Quente	Ponte de Lima
João António de Moraes - Soldado - Regimento de Artilharia nº5	Estorãos	Ponte de Lima
João António Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Cruz	Ponte de Lima
João António Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cepões	Ponte de Lima
João Batista - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arca	Ponte de Lima
João Bento da Costa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cepões	Ponte de Lima
João Bento de Castro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cepões	Ponte de Lima

José Caetano da Cunha Pereira Leones – 1.º Cabo - Regimento de Infantaria nº3 (familiar do soldado António de Sá Leones)	Moreira do Lima	Ponte de Lima
João Coelho - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Anais	Ponte de Lima
João Correia - 2º Cabo - Regimento de Infantaria nº3	Couto de Gondufe	Ponte de Lima
João da Costa Alves de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
João da Fonte Vaz - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João de Amorim - Soldado - 3ª. Compª. 3º. Grupo Compªs. Saúde	Refoios do Lima	Ponte de Lima
João de Lemos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Friastelas	Ponte de Lima
João de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Bertiandos	Ponte de Lima
João do Nascimento Rodrigues - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Bertiandos	Ponte de Lima
João Esposto - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino dos Piães	Ponte de Lima
João Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calheiros	Ponte de Lima
João Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
João Fernandes - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João Joaquim Alves - 2º Cabo - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
João José Cerqueira - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Refoios	Ponte de Lima
João José de Barros - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
João Lourenço - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
João Luís Fuisa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Estorãos	Ponte de Lima
João Manuel da Silva - 2º Cabo - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João Maria Correia - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gondufe	Ponte de Lima
João Martins - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Covilhã	Ponte de Lima
João Mendonça - Soldado - Regimento de Infantaria nº29	Moreira do Lima	Ponte de Lima
João Pereira da Rocha - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião do Freixo	Ponte de Lima
João Pereira de Melo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
João Pires Trigo - Soldado	Arcozelo	Ponte de Lima
João Rodrigues - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
João Rodrigues - Soldado	Vitorino dos Piães	Ponte de Lima
João Rodrigues - Soldado	São Martinho da Gandra	Ponte de Lima
João Rodrigues - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calheiros	Ponte de Lima
João Rodrigues - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Estorãos	Ponte de Lima
João Saraiva de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Joaquim Augusto Dias da Costa - Soldado - Regimento de Infantaria nº29	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Joaquim Alves dos Santos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino dos Piães	Ponte de Lima
Joaquim Bento de Castro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cepões	Ponte de Lima
Joaquim Carlos Batista de Sousa - Soldado - 11ª. Compª. Reg. Infª. 6	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Joaquim de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Joaquim de Brito - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Joaquim de Sousa Amorim - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Joaquim Fernandes - Corneteiro - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha	Ponte de Lima
Joaquim Ferraz - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
Joaquim Gonçalves - Soldado	Santa Maria de Anais	Ponte de Lima
Joaquim Gonçalves - Soldado - Corpo Artilharia Pesada	Refoios	Ponte de Lima

Joaquim Gonçalves Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	S.S. do Souto	Ponte de Lima
Joaquim José Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
Joaquim José Pereira - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Joaquim Martins de Barros - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
Joaquim Pereira Dantas - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Joaquim Silvério - Soldado - Regimento de Infantaria nº29	Poiares	Ponte de Lima
Joaquim Vieira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Beiral do Lima	Ponte de Lima
José Alves - Soldado - C.A.P.	Panua - São Julião do Freixo	Ponte de Lima
José Alves Carvalhosa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Navió	Ponte de Lima
José Alves de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
José Alves de Oliveira - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Barrio	Ponte de Lima
José Amoroso de Matos Lopes - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº6	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José António Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Labruja	Ponte de Lima
José Augusto Oliveira - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Barbosa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gondufe	Ponte de Lima
José Barbosa de Castro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião do Freixo	Ponte de Lima
José Campelo da Silva - Clarim - Regimento de Obuses de Campanha	Poiares	Ponte de Lima
José Cardoso - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gaifar	Ponte de Lima
José Carlos Ferreira - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Cerqueira - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Seixo Ribeira	Ponte de Lima
José Correia Pinto - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José da Costa Lima - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José da Costa Magalhães - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Navió	Ponte de Lima
José da Cruz - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Brandara	Ponte de Lima
José da Cunha Lopes - Corneteiro - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
José da Silva - Soldado	Gondufe	Ponte de Lima
José da Silva Pereira Marinho - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Beiral do Lima	Ponte de Lima
José de Amorim - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
José de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
José de Sousa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha de Anais	Ponte de Lima
José Estevão Lopes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Esteves - 1ºCabo - Regimento de Obuses de Campanha	Fragoso	Ponte de Lima
José Fernandes - Soldado	Freixo	Ponte de Lima
José Fernandes Cerca - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Arcozelo	Ponte de Lima
José Fernandes Pinto - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Salvador do Santo	Ponte de Lima
José Ferreira - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Fuiza Branco - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
José Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gondufe	Ponte de Lima
José Gonçalves - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Anais	Ponte de Lima
José Gonçalves - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Fontão	Ponte de Lima
José Joaquim Rodrigues Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Leocadia de Geroz de Lima	Ponte de Lima

José Loureiro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Friastelas	Ponte de Lima
José Lourenço de Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha	Ponte de Lima
José Manuel da Cunha - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Brandara	Ponte de Lima
José Manuel Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Canelha	Ponte de Lima
José Maria Alves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
José Martins - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Gondufe	Ponte de Lima
José Paço de Matos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
José Pereira Amaiele - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
José Pereira Dantas - Soldado	Poiares	Ponte de Lima
José Pereira de Sá - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
José Pinto Junior - Soldado	Santa Cruz	Ponte de Lima
José Pires - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
José Rodrigues - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
José Rodrigues de Campos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Poiares	Ponte de Lima
José Soares - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
José Soares Morais - Soldado - 3ª. Compª. Regimento de Infantaria nº. 3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
José Teixeira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
José Vieira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião de Freixo	Ponte de Lima
Josué Rodrigues Moreira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Sá	Ponte de Lima
Júlio da Silva Brito - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Comba	Ponte de Lima
Justino António Velho - Soldado - Regimento de Infantaria nº12	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Luís António Velho - 2ºCabo Músico - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Luís Correia Minosa - 1ºcabo - Regimento de Infantaria nº3	São Salvador	Ponte de Lima
Luís da Costa Lima Guimarães - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Luís José Gonçalves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha de Anais	Ponte de Lima
Luís José Rodrigues - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Refoios	Ponte de Lima
Manuek João de Barros - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santo Estevão da Facha	Ponte de Lima
Manuel Aires - Soldado Ferrador	Poiares	Ponte de Lima
Manuel António Alves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vilar do Monte	Ponte de Lima
Manuel António Esposto - Aprendiz de Música - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel António Vieira - 1ºCabo - Regimento de Infantaria nº18	Estorãos	Ponte de Lima
Manuel Bernardo Barros - Soldado	Santo Estevão da Faixa Facha	Ponte de Lima
Manuel Bezerra - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Facha	Ponte de Lima
Manuel Carvalho - Primeiro cabo	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Correia - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calheiros	Ponte de Lima
Manuel Custódio - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Labruja	Ponte de Lima
Manuel Custódio Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Feitosa	Ponte de Lima
Manuel da Conceição - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel da Costa - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Brandara	Ponte de Lima
Manuel da Fonte - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Bento	Ponte de Lima
Manuel de Lima - Soldado	Santa Maria de Rebordões	Ponte de Lima

Manuel de Sousa Reinal - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel de Torres Lima - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Vitoriano das Donas	Ponte de Lima
Manuel Domingos Caçador - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº3	Bertiandos	Ponte de Lima
Manuel Fernandes - 2ºSargento - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino de Piães	Ponte de Lima
Manuel Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha de Arcozelo	Ponte de Lima
Manuel Fernandes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião do Freixo	Ponte de Lima
Manuel Fernandes - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Fernandes Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Fernandes Vieira - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Gonçalves Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Manuel José Correia Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Manuel José de Araújo - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Calvelo	Ponte de Lima
Manuel José dos Santos - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Comba	Ponte de Lima
Manuel José Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Manuel José Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Fornelos	Ponte de Lima
Manuel José Pereira - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Barreiro - Moreira	Ponte de Lima
Manuel Lima - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Rebordões - Santa Maria	Ponte de Lima
Manuel Luís Barbosa - 2ºCabo Servente - Regimento de Artilharia nº1	São Martinho de Gandara	Ponte de Lima
Manuel Luis Gomes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Manuel Martins - Soldado - Secção Automóvel - Quartel General	Vitorino das Donas	Ponte de Lima
Manuel Martins Coelho - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Peruras	Ponte de Lima
Manuel Mendes - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Cruz	Ponte de Lima
Manuel Narciso Martins - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Manuel Paiva da Silva - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São João da Ribeira	Ponte de Lima
Manuel Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Arcozelo	Ponte de Lima
Manuel Pereira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Julião de Freixo	Ponte de Lima
Manuel Pereira da Silva - Soldado	Arco - Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Pires Trigo - Soldado - Regimento de Infantaria nº8	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Ribeiro - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Manuel Rodrigues - Soldado - Regimento de Sapadores Mineiros	S.Pedro d'Arcos	Ponte de Lima
Manuel Rodrigues de Lima Teixeira - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Maria de Arcozelo	Ponte de Lima
Manuel Rodrigues Pimenta - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº29	Cabaços	Ponte de Lima
Manuel Trigueiro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	São Pedro de Arcos	Ponte de Lima
Manuel Vieira da Silva Malheiro - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Correlhã	Ponte de Lima
Marinho Vieira de Barros - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Maximino Monteiro - Soldado	Ribeiro - São Salvador do Souto	Ponte de Lima
Miguel Coelho Bezerra - Segundo cabo	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Miguel Gonçalves Coroas - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Santa Marinha de Anais	Ponte de Lima
Paulo Joaquim Barbosa - Soldado	Refoios	Ponte de Lima
Paulo Rodrigues de Moraes - Primeiro sargento	Ponte de Lima	Ponte de Lima

Pedro da Costa - Soldado - Regimento de Obuses de Campanha	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Porfirio Manuel Alves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Cabaços	Ponte de Lima
Ramiro Esposto - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Vitorino de Piães	Ponte de Lima
Ramiro Ferreira Salsa - 2ºCabo - Regimento de Infantaria nº8	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Renato dos Reis Lemos - 2ºSargento - Corpo de Artilharia Pesada	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Renato dos Reis Lemos - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Sebastião Correia - Soldado	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Viriato Viera Braga - 2ºSargento - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
Josué António Guimarães de Mota - Segundo-sargento	Ponte de Lima	Ponte de Lima
Custódio Alves - Soldado - Regimento de Infantaria nº3	Moreira do Lima	Ponte de Lima
João Ribeiro - S.C	Caseiros	Ponte de Lima
Manuel Duarte - S.C	Rosal	Ponte de Lima
José Pinto - Soldado - Regimento de Infantaria nº5	Feitosa	Ponte do Lima

Fonte: <https://onedrive.live.com/view.aspx?resid=CBAB4092355AD3AB12208&ithint=file%2cxlsx&app=Excel&authkey=!AKpckcGPp8HuzZQ>

A localização das companhias limianas na Flandres

Em 1916, foi organizado um Corpo Expedicionário Português (CEP), sob o comando do General Tamagnini. Em Fevereiro de 1917, as primeiras tropas portuguesas desembarcadas entravam em posição no setor de Thérouane, na Flandres.

Numa primeira fase, as tropas do CEP foram colocadas junto do Exército Inglês, tendo de seguida passado à sua primeira experiência no quotidiano das trincheiras.

A guerra na Flandres deu-se entre 9 e 29 de abril de 1918, no vale da ribeira da La Lys, setor de Ypres, na região da Flandres, na Bélgica.

Nesta batalha, que marcou a participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, os exércitos alemães, provocaram uma estrondosa derrota às tropas portuguesas.

A frente de combate distribuía-se numa extensa linha de 55 quilómetros, entre as localidades de Gravelle e de Armentières, guardada pelo 11º Corpo Britânico, com cerca de 84.000 homens, entre os quais se compreendia a 2ª divisão do Corpo Expedicionário Português (CEP), constituída por cerca de 20 000 homens, dos quais somente pouco mais de 15 000 estavam nas primeiras linhas, comandados pelo general Gomes da Costa. Esta linha viu-se impotente para sustentar o embate de oito divisões do 6º Exército Alemão, com cerca de 55 000 homens comandados pelo general Ferdinand von Quast (1850-1934). Essa ofensiva alemã, montada por Erich Ludendorff, ficou conhecida como ofensiva "Georgette" e visava a tomada de Calais e Boulogne-sur-Mer.

O Corpo Expedicionário Português (CEP), ao qual pertenciam os limianos, foi a principal força militar que Portugal, durante a 1ª Guerra Mundial, enviou para França, com a finalidade de, através da sua participação ativa no esforço de guerra contra a Alemanha, conseguir tirar dividendos no final desta.



Os Generais do CEP: Tamagnini, Hackina e Gomes da Costa.

De notar que Portugal também enviou para França uma outra força, mais reduzida e menos famosa: o Corpo de Artilharia Pesada Independente (CAPI). O CAPI destinou-se a responder a um pedido de ajuda francesa, ficando sob comando do Exército Francês, sendo aí conhecido por Corps de Artillerie Lourde Portugaise (CALP) e tendo operado artilharia superpesada de caminho-de-ferro, com obuses de 320 mm, 240 mm e 190 mm. **A partida de milhares de homens para a Flandres gerou, no entanto, descontentamentos nacionais, avolumados pelos enormes gastos a suportar pelo governo.**

De fevereiro de 1917 à primavera de 1918, o tempo foi-se desenrolando entre bombardeamentos de artilharia e assaltos às linhas inimigas. Uma das batalhas em que o CEP participou foi a Batalha de La Lys.

A 6 de abril de 1918 é aprovada a reorganização do CEP. A 2.ª divisão, reforçada, tomaria conta do setor português. O CEP deixaria de existir. A 1.ª divisão deveria ser enviada para reserva, e a 2.ª divisão ficaria subordinada ao 11.º corpo de Exército britânico, sob as ordens do general britânico Hacking. A visita deste às tropas portuguesas decidiu-o a também retirar a 2.ª divisão da linha da frente. A ordem deveria ser posta em prática no dia 9 de abril. Mas os portugueses não tiveram tempo para se retirar do campo de batalha e nesse dia começa batalha de La Lys, com uma prolongada barragem de artilharia alemã. A 2.ª divisão do CEP é destruída no decurso da batalha.

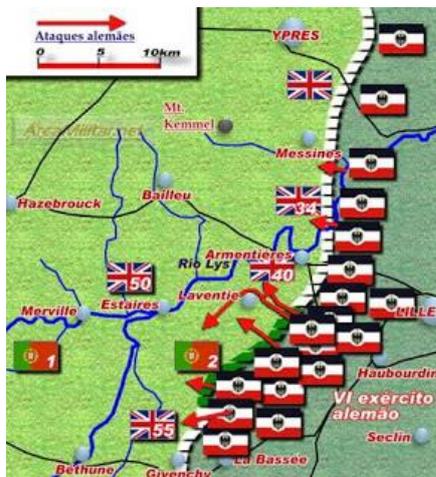


A Batalha de La Lys, também conhecida como a Quarta Batalha de Ypres ou a Batalha de Estaires, faz parte das ofensivas alemãs na Flandres, a operação "Georgette" projetado pelo General Ludendorff para retomar Ypres, durante a Primeira Guerra Mundial.

A frente de combate tinha cerca de 55 quilómetros, estava localizada entre as localidades de Gravelle e de Armentières, abastecida pelo 11º Corpo Britânico, com cerca de 84 000 homens, entre os quais se compreendia a 2ª divisão do Corpo Expedicionário Português (CEP) numa frente de aproximadamente 20 quilómetros, constituída por cerca de 20 000 homens, dos quais pouco mais de 15 000 estavam nas primeiras linhas, comandados pelo general Gomes da Costa. **As tropas portuguesas, em apenas quatro horas de batalha, sofreram cerca de 1341 mortos, 4626 feridos, 1932 desaparecidos e 7740 prisioneiros, ou seja, mais de um terço dos efetivos, entre os quais 327 oficiais.**

A segunda divisão portuguesa, comandada pelo General Gomes da Costa (futuro presidente de Portugal), com cerca de **20 000 homens, perdeu cerca de 300 oficiais e 7 000 homens, mortos, feridos ou presos, ao resistir ao ataque de quatro divisões alemãs, de 50 000 homens**, do 6º exército alemão comandado pelo general Ferdinand von Quast.

Este foi um dos mais sangrentos confrontos em que esteve envolvido o Corpo Expedicionário Português.



Esquema da batalha de La Lys



Aspetto do setor português, após a batalha de La Lys

A vida nas trincheiras

Os jovens portugueses partiram para a guerra. **A maioria tinha entre 20 e 25 anos muitos deles analfabetos, oriundos de meios rurais e pobres, assim como o soldado António de Sá Leones.** Esperava-os um lugar e uma língua estranhos, um novo tipo de guerra que acabou por envolver todas as potências mundiais e quase todos os Estados europeus. A vida quotidiana nas trincheiras era dramática, um vazio profundo. As saudades da casa, dos pais, das mulheres, dos filhos, das namoradas, das fontes, dos pássaros, do aroma das flores, da comida, das romarias, das herdades, dos animais, do tempo vivido em paz.

A pouca instrução que tinham não permitiu sequer vislumbrar aquilo que iriam encontrar nas trincheiras, num momento em que a Grande Guerra arrastava atrás de si três penosos anos de destruição e morte. Nessa altura, **os homens ficavam uns diante dos outros nos parapeitos das trincheiras barricadas com sacos de areia, sob as quais viviam como e com ratos e piolhos.** O mundo desconhecia esta realidade, ignorando as condições de sobrevivência dos exércitos combatentes devido ao controlo das notícias na imprensa – medida que Portugal adotou, impondo a lei de censura prévia, a partir de 28 de março de 1916.

Após o desembarque em Brest, as tropas rumaram para o sul da Flandres, onde o CEP deveria ocupar uma frente de 12 quilómetros, no setor britânico, perto de Armentières, nos vales dos rios Lys e Aire. **O percurso era feito de comboio e durante a viagem, que poderia durar três dias, os portugueses fizeram a sua iniciação nas rações distribuídas pelo Exército britânico. A cada grupo de oito homens, era dada**



Portugueses nas trincheiras perto de Neuve Chapelle, 25 de junho de 1917

uma ração diária composta por meia lata de carne de conserva (“corned beef”), meia lata de doce, três latas de soja, um pedaço de queijo e uma lata de bolachas.

Nas trincheiras receberam instrução do Exército britânico – utilização de metralhadoras ligeiras e aulas sobre métodos de defesa em caso de ataques de gás. Os britânicos tentavam familiarizar os expedicionários **nacionais** com o armamento mais utilizado, mas nem sempre tinham sucesso: existem relatos que descrevem como **os portugueses, ao aprenderem a manusear granadas, e já ocupando a primeira linha de trincheiras, provocaram o rebentamento involuntário das mesmas, matando uns e ferindo outros.**

As trincheiras geralmente eram construídas em ziguezague, para que o inimigo, caso conseguisse passar pelos diversos obstáculos e chegar ao local, não pudesse matar muitos soldados de uma só vez. Também eram comuns dentro das trincheiras a criação de espaços onde os soldados se reuniam para comer ou descansar, ou mesmo para se proteger do clima (era como pequenos buracos escavados no local). Os oficiais costumavam dispor de espaços maiores, onde poderiam inclusive fazer reuniões. O arame farpado representava o limite – tanto para a tropa quanto para o adversário que se quisesse aproximar.



Os oficiais costumavam dispor de espaços maiores, onde poderiam inclusive fazer reuniões. O arame farpado representava o limite – tanto para a tropa quanto para o adversário que se quisesse aproximar.

Tipicamente, um soldado passava por um ciclo: primeiro servia na linha de frente, no combate propriamente dito. Daí passava um tempo na trincheira, passando para um serviço de apoio aos entrincheirados, e logo depois para a reserva. Após esse período, o soldado podia ganhar um tempo de descanso. Mesmo nessa fase, no entanto, o militar poderia se ver diante da linha inimiga, executando alguma tarefa.

Os soldados penduravam o pão num arame para o pôr fora do alcance dos ratos. Dormiam com os sapatos apertados, pois tentar calçá-los depois de os tirar era uma ilusão. Dormiam enrolados num capote molhado, poucas horas, no meio de algazarra, de gritos humanos, de cheiros pestilentos.

A guerra de trincheira é desesperante: no inverno, a temperatura pode descer até -20°, a chuva transforma a terra em lama e os parasitas colam-se ao corpo dos soldados. **As condições de higiene são fracas, os soldados lavam-se com a água que corre nas trincheiras e mal se podem barbear.**

A alimentação, os soldados lusos, habituados a uma dieta mediterrânica, viram-se confrontados com o facto de terem de alimentar-se com rações de combate britânicas, e com os indigestos *pickles* e outras iguarias em conserva, que lhes davam a volta ao estômago e não servia para lhes retemperar devidamente as forças. A maior parte da comida era enlatada. **A ração diária do Exército inglês só dava direito a um pedaço de pão, alguns biscoitos, 200 g de legumes e 200 g de carne. Para reabastecer o cantil com água, muitos soldados recorriam a poças deixadas pela chuva. Para aliviar o sofrimento, suprimentos diários de rum, vinho ou conhaque eram oferecidos às tropas.**

Apesar das discussões e das dificuldades de higiene, existia um espírito de camaradagem entre os soldados muito forte. Os homens eram solidários e procuravam por todos os meios melhorar o seu quotidiano.

A guerra de trincheira era desanimadora: as condições climatéricas eram muito duras, a chuva transformava a terra em lama e os parasitas eram uma presença insuportável. As febres eram constantes nas trincheiras, as micoses e frieiras.

Os homens transformavam-se com o passar do tempo, ganhavam com o tempo uma fisionomia especial, tanto mais dura quanto mais perto do inimigo. A vizinhança da morte, as longas vigílias, o sol, o frio envelheciam a expressão, dissipavam a juventude e transformavam-nos em velhos. Na faixa estreita das trincheiras vivia-se junto à morte, no meio de balas e granadas, que eram cegas.

A vida nos campos de concentração

Nos anos de 1917 e 1918, o Exército alemão terá feito prisioneiros mais de sete mil militares do Corpo Expedicionário Português (CEP).

A maioria dos militares foi capturada após a derrota na batalha de La Lys, a 9 de abril de 1918, que existiam prisioneiros portugueses em 52 campos de concentração alemães e o facto de Portugal ter sido a nação com o maior número de militares prisioneiros face ao número total de soldados e oficiais que enviou para a frente de guerra.



As condições de sobrevivência nos campos alemães eram verdadeiramente difíceis. Em primeiro lugar, o frio. As temperaturas na Alemanha eram extremamente baixas, os alojamentos, construídos em madeira, não tinham qualquer tipo de isolamento, deixando entrar a chuva e o frio e os militares portugueses não tinham roupa suficiente para enfrentarem estas condições adversas. Muitas vezes lavavam as peças de roupa de manhã e vestiam-nas à noite, ainda molhadas, por não terem mais o que vestir. O que além de lhes aumentar o desconforto, muitas vezes provocavam situações de doença.

Depois, a fome, o verdadeiro grande flagelo do cativo. A comida era escassa e de fraca qualidade e os prisioneiros portugueses não tinham dinheiro para subornar os guardas alemães ou os habitantes das localidades onde os campos de concentração funcionavam. **Os prisioneiros portugueses, ao contrário dos presos de outras nacionalidades, nunca beneficiaram dos acordos assinados entre os Aliados e a Alemanha.** Nomeadamente, os Acordos do Pão (1916), no âmbito dos quais as nações beligerantes trocavam entre si encomendas coletivas - dois quilos de pão por prisioneiro - através da mediação da Cruz Vermelha Internacional.

Os portugueses alimentavam-se principalmente dos alimentos distribuídos pelas autoridades alemãs, ao contrário dos prisioneiros britânicos que recebiam “cerca de trinta pacotes de víveres por mês”, ou seja, eram “quase totalmente alimentados pelas instituições de socorro, públicas ou particulares, da sua pátria”. O pão dado pela Alemanha queimavam-no para se aquecerem. E era “com este pão carvão que os pobres prisioneiros portugueses” se sustentavam. A escassez de alimentos era de tal ordem que, sempre que

chegava um novo grupo de prisioneiros portugueses a determinado campo, estes instalavam-se quase sempre longe dos companheiros que já ali viviam e vigiavam permanentemente os seus poucos pertences, com medo de que fossem roubados.

Os cemitérios onde estão sepultados os soldados limianos

Em Portugal, a primeira legislação para tratamento dos mortos de guerra portugueses na frente europeia surge em 1917. Procurou-se regulamentar esta situação com a estruturação de um serviço, futuramente denominado Comissão Portuguesa das Sepulturas de Guerra (CPSG), responsável pela identificação, concentração e inumação dos corpos. Face a uma limitação de recursos, exigiu-se da CPSG um esforço acrescido para concentrar os corpos espalhados pelo território da Flandres em cemitérios militares exclusivamente portugueses, criados para tal com a devida e necessária monumentalidade. Na verdade, durante o conflito, os esforços desta comissão debateram-se com as limitações sanitárias e espaciais impostas pelas autoridades francesas, levando a que os corpos ficassem espalhados por vários cemitérios (em 88 cemitérios da Alemanha, 23 da Bélgica; 2 da Espanha; 141 da França; 1 da Holanda e em 3 cemitérios da Inglaterra).

O único cemitério exclusivamente português foi criado em Richebourg l'Avoué. A ação de CPSG foi extremamente importante, apesar das limitações claras que resultaram da identificação dos corpos ou mesmo da necessidade da permanência destes em cemitérios de território aliado. **Dos cerca de 2086 mortos, 206 não foram identificados ou os corpos não foram encontrados.**



Apenas no final do conflito seria possível a concentração, não total, uma vez que foi organizado um setor de 44 campas no cemitério de Boulogne-sur-Mer e de 7 campas em Antuérpia, mas da maioria dos corpos num único cemitério militar exclusivamente português, **Richebourg l'Avoué, com 1831 mortos, dos quais 238 são desconhecidos.**

Pensamos que os soldados limianos mortos na 1.ª Guerra Mundial estarão sepultados no cemitério militar português de Richebourg L'Avoué, perto de La Lys, pois pertenciam ao Corpo Expedicionário Português (CEP) que pereceu nesta batalha, assim como, o soldado António de Sá Leones cujo local de sepultura se ignora.

A história do soldado António de Sá Leones

Como tudo começou... e os passos que se deram para chegar à história do soldado António de Sá Leones



Link do blogue da escola que mostra como como começou na sala de aula

<http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/03/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado.html> (Projeto Rato de Biblioteca "Do Soldado Desconhecido ao Soldado Conhecido" – Turma 5ºD)

Para chegar à história do soldado António de Sá Leones teve de se percorrer um caminho algo complexo. O primeiro passo foi enviar via email um pedido de informação para o Arquivo Municipal de Ponte de Lima e para o Museu dos Terceiros de Ponte de Lima sobre o soldado António de Lá Lemos. (anexo1)

As respostas aos email foram um pouco desanimadoras, pois não existia qualquer informação sobre o nosso soldado, António de Lá Lemos. (anexos 2 e 3)

Quase a desistir deste soldado, os alunos, com esse nome como referência, iniciaram uma última investigação na freguesia de Moreira do Lima para encontrar informação. Contactaram o pároco e o presidente da Junta, pediram ajuda aos pais e familiares, mas o esforço parecia ser inútil, já que aquele nome era mesmo de um soldado desconhecido. Destas entrevistas começou a surgir o nome **António de Sá Leones**, muito parecido com o nome **António de Lá Lemos**. Os alunos eram unânimes a dizer que o mais provável era ter havido um erro na escrita do nome do soldado. Além disso começaram a aperceber-se que a caligrafia com a letra manuscrita de *Lá e Sá, Lemos e Leones* eram muito parecidas. De uma coisa os alunos tinham a certeza, **não existiu nenhum soldado com o nome de António de Lá Lemos oriundo de Moreira do Lima, nem em Ponte de Lima.**



Links do blogue da escola sobre as ações referidas anteriormente:

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_6.html (Entrevista ao Sr. Padre Palma pároco de Moreira do Lima)



http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_18.html (Entrevista ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Moreira do Lima)



Ao longo da interrupção letiva do 2.º Período, os alunos, com o apoio dos pais/encarregados de educação, tentaram encontrar informações sobre o soldado António de Lá Lemos oriundo de Moreira do Lima. No dia 5 de abril partilharam as suas descobertas.

<http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado.html> (Conversas na sala de aula)



http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_10.html (A Beatriz procurou informação sobre o soldado com a ajuda da sua mãe Luísa)

Numa última tentativa de descobrir afinal alguma informação sobre o soldado António de Lá Lemos, os alunos enviaram um email ao Dr. Mário Leitão (um autor que se tem dedicado ao estudo dos combatentes limianos). (anexo 4)

Foi então que no dia 5 de abril, **os alunos** conseguiram ver uma luz ao fundo do túnel e **confirmar as suas suspeitas: o nome “António de Lá Lemos” era afinal “António de Sá Leones”**, este sim **um nome que já tinha aparecido nas suas pesquisas** e o apelido Leones é comum na freguesia de Moreira do Lima. Com a ajuda do Dr. António Mário Leitão os alunos confirmaram que a interferência da língua francesa na construção do memorial (“Lá”) podia ter causado o erro na transcrição no nome do soldado.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

<http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-afinal-o.html> (Afinal o nome do soldado não é António de Lá Lemos, mas sim António de Sá Leones - Palestra do Dr. Mário Leitão)

Perante esta descoberta do erro, no dia 19 de abril, enviaram via email, uma carta ao Arquivo Histórico Militar (entidade que desenvolveu o Memorial aos Mortos na Grande Guerra) **a pedir a alteração/correção do nome do soldado António de Lá Lemos para António de Sá Leones** no Memorial aos Mortos na Grande Guerra”. (anexo 5)



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_19.html (Carta para o Arquivo Histórico Militar)

A resposta do Arquivo Histórico Militar chegou no dia 29 de abril, a qual confirmou as suspeitas dos alunos, houve um erro na transcrição do nome do nosso soldado. (anexo 6)



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

<http://centroeducativolaogas.blogspot.pt/2016/05/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado.html> (Resposta ao email enviado a de 21 de abril de 2016 ao Arquivo Histórico Militar)

Finalmente, os familiares do soldado António de Sá Leones e todos os limianos vão poder, muito em breve, ler o nome do soldado António de Sá Leones no Memorial, pois esta entidade irá fazer a correção do nome.

Com o verdadeiro nome do soldado limiano descoberto, três alunos da turma aperceberam-se que são familiares de António de Sá Leones.

No dia 13 de abril foi realizada, via Skype, uma entrevista ao Sr. Manuel António Leones Peixoto, familiar de António de Sá Leones e pai da aluna Mariana Peixoto. O Sr. Manuel pesquisou este tema com muita dedicação e fez os alunos vibrar com as suas partilhas e informações sobre o nosso soldado, **António de Sá Leones**.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolaogas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_14.html (Ligação via Skype com o Sr. Manuel António Leones Peixoto - Familiar de António de Sá Leones)

Como a ligação via Skype decorreu com alguns problemas técnicos, o Sr. Manuel prontificou-se a vir a Portugal, assim, no dia 5 de maio tiveram o prazer de recebê-lo e partilhar com ele todos os seus conhecimentos.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolaogas.blogspot.pt/2016/05/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_5.html (Encontro com Sr. Manuel António Leones Peixoto - Familiar de António de Sá Leones)

No dia 19 de abril os alunos através de conversas na sala sobre o que já sabiam sobre o soldado António de Sá Leones prepararam uma visita de estudo à casa onde nasceu e viveu António de Sá Leones.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_3.html (Conversas na sala de aula)

No dia 20 de abril, os alunos foram a Moreira do Lima conhecer a casa onde nasceu e viveu o soldado e onde vive atualmente a sua sobrinha, a dona Conceição. Também conheceram o Sr. Luís, sobrinho do soldado António de Sá Leones.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_21.html (Visita de estudo à casa onde nasceu e viveu o soldado António de Sá Leones e onde vive atualmente a sua sobrinha Conceição)

Para saber mais sobre a história dos limianos na primeira Guerra Mundial esteve patente na Biblioteca da nossa escola, de 21 de março a 8 de abril, a exposição “Os limianos na Grande Guerra: centenário da 1ª Guerra Mundial (1914-2014)”, cedida temporariamente pelo Arquivo Municipal de Ponte de Lima. Ao longo do decorrer da mesma, os alunos recolheram algumas opiniões e testemunhos de familiares que tiveram nas suas famílias combatentes na Grande Guerra.



Link do blogue da escola sobre a ação referida anteriormente:

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/03/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_24.html (Exposição “Os limianos na Grande Guerra: centenário da I Guerra Mundial (1914-2014)”)

Aos poucos este Soldado Desconhecido tornou-se num Soldado Conhecido

No dia 9 de maio, os alunos dedicaram algumas horas a fazer trabalhos na sala de aula, transcreveram cartas, organizaram a árvore genealógica e resumiram a vida do soldado António de Sá Leones, **a qual passamos a contar.**



http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/05/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_9.html (Trabalhos na sala de aula)

António de Sá Leones, soldado da 4.^a Companhia do Regimento de Infantaria n.º 3, nasceu a 1 de setembro de 1894 na Guarda, lugar da freguesia de São Julião de Moreira do Lima, concelho de Ponte de Lima, distrito de Viana do Castelo. Filho de Sebastião de Sá Sottomayor Leones e de D. Isabel Clara Barbosa. Embarcou para França com 23 anos, integrado no Corpo Expedicionário Português (CEP) a 22 de abril de 1917, onde pertenceu à Brigada do Minho. Faleceu em combate a 9 de abril de 1918, na Batalha de La Lys, tinha 24 anos, ignora-se o seu local de sepultura e era solteiro.

António de Sá Leones nasceu em Moreira do Lima, no seio de uma paisagem verde, uma terra fértil e produtiva, a maior parte da região estava coberta de castanheiros, que faziam parte da dieta dos camponeses. Atualmente, as árvores principais da região são os pinheiros bravos. O principal cereal cultivado era o milho, o que ainda acontece hoje em dia, o milho era semeado em maio e colhido durante o mês de setembro. Entre as filas do milho, os camponeses plantavam feijões e outros legumes. Depois do milho ser colhido, plantava-se erva, para que durante os meses de inverno, os campos pudessem servir de pastagens para os animais. Também se cultivava a videira a qual deu origem ao famoso vinho desta região, o vinho verde. Os camponeses apanhavam o mato e usavam-no para fazer camas para os animais, a qual era utilizada depois como adubo, o chamado estrume. Antigamente, o gado bovino e ovino era extremamente importante para a produção de leite, queijo, manteiga e lã. Os camponeses também se dedicavam ao cultivo da oliveira e à produção de azeite caseiro.

As mulheres, durante os meses de inverno, **fiavam e teciam o linho e faziam mantas de trapos, cuidavam da casa e trabalhavam (serviam) nas casas dos senhores (aqueles que tinham posses, camponeses ricos ou aristocratas) da região, eram as chamadas criadas. Também se dedicavam a trabalhar os campos que pertenciam a outras pessoas (andavam ao jornal). As mulheres da família de António também desempenhavam estas funções (mãe e irmã) segundo nos contou a Dona Conceição (sobrinha de António).**



Fonte em granito construída por António, pelo seu pai e irmãs.

Os homens além de trabalharem na agricultura (ajudavam as mulheres) também eram pedreiros, carpinteiros e pintores. **Os homens da família de António de Sá**

Leones (pai, irmãos e António) trabalhavam o granito (a pedra mais importante da região), segundo nos contou a Dona Conceição eram peritos em cortá-la e trabalhá-la, eram mestres neste ofício e até fizeram trabalhos em Espanha.

A Dona Conceição disse-nos que **eram tempos muito difíceis, de miséria, que os filhos tinham de ajudar os pais e que normalmente acabavam por exercer os seus ofícios (profissões)**. Por esse motivo, **raramente iam à escola e quase nunca aprendiam a ler e a escrever**, eram analfabetos. “Tinha de ser...”, disse-nos a Dona Conceição. Contou-nos também que ela foi criada na casa do general Norton de Matos, quando era criança e que recebia 3 réis.

A casa onde António de Sá Leones nasceu e viveu até à sua ida para a Guerra, ainda existe e as restaurações que sofreu ao longo dos tempos foram mínimas. A Dona Conceição abriu-nos as portas da sua casa e pudemos conhecê-la.

Caminhamos aproximadamente 10 minutos para chegar ao tão desejado local, por caminho de cabras, como se dizia antigamente, pois ainda hoje é a única forma de lá chegar. Era uma casa pequena, mas a colhedora. Tinha uma pequena sala, uma pequena cozinha com uma bancada em granito onde estava uma bacia que era usada para lavar a louça, um forno a lenha, onde já houve um fumeiro no qual se defumavam as chouriças quando se matava o porco, um fogão a gás e um frigorífico, sinais de tempos mais modernos. Dois quartos muito pequenos e sem janelas. Ou seja, todas as divisões eram muito pequenas. “Ao lado da casa antigamente tinha uma corte onde criávamos os animais...”

contou-nos a Dona Conceição.

Outro sinal dos tempos modernos que pudemos observar foi uma casa de banho que a dona Conceição acrescentou já depois de ter casado. Naquela pequena casa viveram várias gerações, no tempo do nosso soldado António os seus pais criaram lá quatro filhos.

Ao longo da nossa visita pudemos observar alguns móveis e pormenores que ainda existem do tempo do nosso soldado.



O caminho



Porta com tranca



O quarto



A cozinha



Fogão a lenha



A sala

BI (Bilhete de Identidade) de António de Sá Leones**Nome:** António de Sá Leones**Data de nascimento:** 01/09/1894**Naturalidade:** Moreira do Lima**Concelho:** Ponte de Lima**Nacionalidade:** Portuguesa**Filiação:** Sebastião de Sá Sottomayor Leones e de D. Isabel Clara Barbosa**Profissões:** Agricultor e pedreiro**Estado civil:** Solteiro**Falecido:** 9 de abril de 1918 na batalha de La Lys

António de Sá Leones partiu para a 1.^a Guerra Mundial integrado no Corpo Expedicionário Português (CEP) a 22 de abril de 1917, pelo que sabemos, foi obrigado a cumprir o serviço militar, devido ao diploma ordenando o recenseamento militar obrigatório de todos os cidadãos com idades compreendidas entre os 20 e os 45 anos publicado pelo ministro da Guerra, Norton de Matos.

A sua família, segundo os relatos da Dona Conceição e do Sr. Manuel, sofreu muito com a partida dele para a guerra. Ao longo dos contactos que tivemos com estas duas pessoas pudemos aperceber-nos da existência de um grande sentimento de revolta contra o governo português “Portugal abandonou os nossos soldados na França. O meu avô sofreu muito. Passou muita fome e miséria. Veio vivo, mas morreu com quarenta e poucos anos, pois regressou gaseado e incapacitado para uma vida que para ele foi curta e difícil.” – disse-nos o Sr. Manuel António Leones Peixoto, familiar de António de Sá Leones, pai da aluna Mariana Peixoto e neto do companheiro de guerra e primo do nosso soldado, José Caetano da Cunha Pereira Leones. Mas o que mais dói nos seus familiares é não saber onde está o corpo do soldado António

de Sá Leones “Fui ao local onde se deu a batalha de La Lys e ao cemitério de Richebourg l’Avoué, procurei o seu nome e até fui perguntar ao senhor que cuida do cemitério e o nome António de Sá Leones não se encontra em nenhuma parte. O meu sonho é colocar lá uma placa com o seu nome...” – afirmou-nos o Sr. Manuel António Leones Peixoto.

O Sr. Manuel contou-nos que o soldado António morreu como um herói, segundo o testemunho do seu avô José Leones. No auge da batalha de La Lys, houve uma altura em que os soldados portugueses começaram a fugir dos soldados alemães. O seu avô (José Caetano da Cunha Pereira Leones), o António e outro soldado, fugiram para uma igreja e o José disse-lhe para se esconder, mas ele não o fez. Com a espingarda na mão disparou contra os alemães que o abateram, o seu corpo caiu no chão e ali ficou. O José e outro soldado renderam-se em seguida aos alemães.

Muitos foram mortos e feridos, e milhares feitos prisioneiros. As hostes portuguesas e britânicas não conseguiram aguentar o embate e cederam perante uma avalanche que chegou a ser na proporção de dez para um.

BI (Boletim Individual) do combatente António de Sá Leones

Nome: António de Sá Leones

Naturalidade: Moreira do Lima, Ponte de Lima

Posto: Soldado

N.º de identificação: 191

Unidade: 4ª Brigada de Infantaria, Regimento de Infantaria n.º 3

Ramo Forças Armadas: Exército

Teatro de Operações: França

Causa da morte: Desconhecida

Data da morte: 9 de abril de 1918

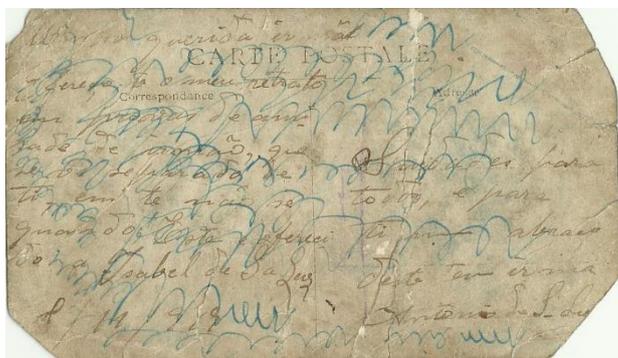
Local de sepultura: Ignora-se

No tempo de António de Sá Leones a frequência da escola já era obrigatória (Decreto nº 8, de 24 de Dezembro de 1901, que considerava indispensável o exame do 1º grau para o acesso a lugares públicos, o que constituiu simultaneamente, o início da relação entre a aquisição de um diploma (sinónimo de sucesso escolar) e a valorização sócio-profissional.) Contudo, uma parte da população continuava analfabeta e não frequentava a escola. Pensamos que é o caso do nosso soldado António de Sá Leones, pois alguns registos escritos a que tivemos acesso, não eram escritos pelo seu punho, mas pelo do seu primo, amigo e companheiro de guerra, José Caetano da Cunha Pereira Leones – 1.º Cabo - Regimento de Infantaria nº3.



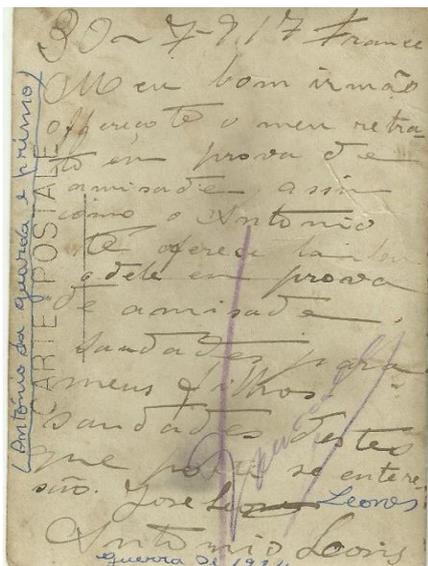
Fotografia do António com o seu primo

Cartas enviadas por António de Sá Leones para a família durante a guerra e transcrição das mesmas



Minha querida irmã. Ofereço-te o meu retrato em prova de amizade de irmão, que serve-se para ti, até não sei quando. Este ofereci-te a Isabel de Sá Leones.

Saudades para todos, e para ti um abraço deste irmão António de Sá Leones.

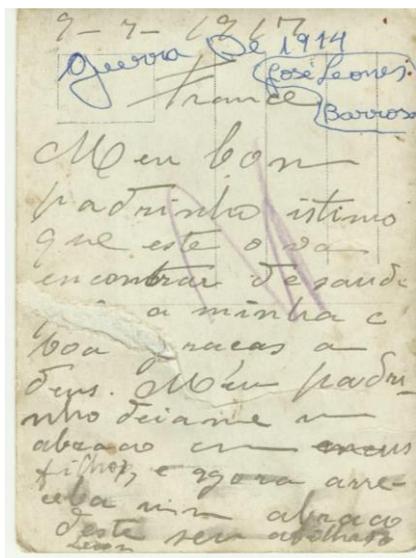


30-7-1917 France

Meu bom irmão ofereço-te o meu retrato em prova de amizade assim como o António. Te ofereço também o dele em prova de amizade. Saudades para meus filhos. Saudades destes que por ti se interessam.

José Leones, António Leones

Carta enviada por José Caetano da Cunha Pereira Leones para a família durante a guerra e transcrita da mesma

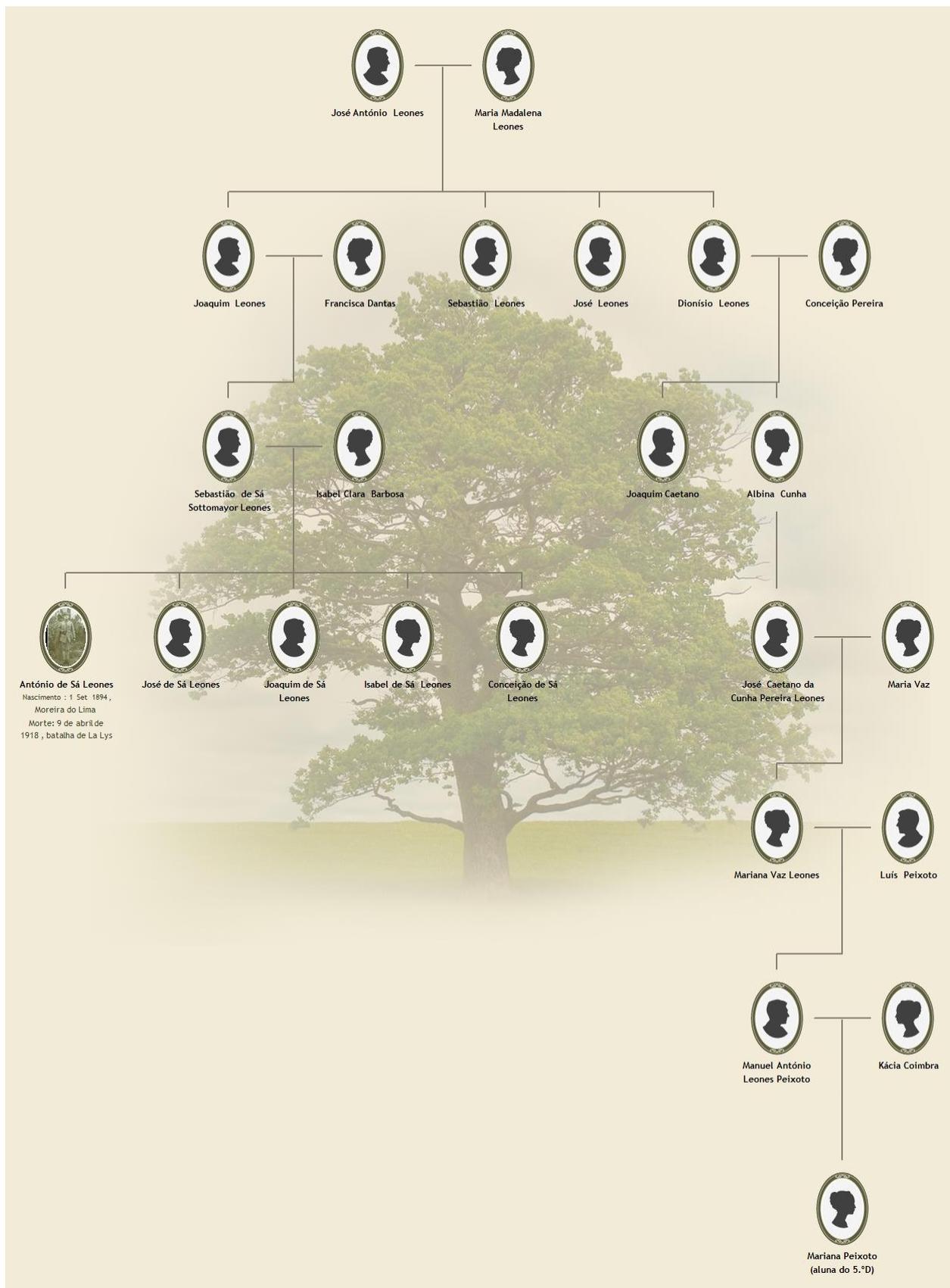


9-4-1917 France

Meu bom padrinho estimo que esta o vá encontrar de saúde a minha é boa graças a deus. Meu padrinho deia me um abraço aos meus filhos e agora a receba um abraço deste seu afilhado.

José Leones

Árvore genealógica de António de Sá Leones



Principais conclusões

O Projeto foi desenvolvido com muito entusiasmo e empenho de todos.

Os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar experiências e estabelecer contactos que com toda a certeza os irão beneficiar no seu percurso académico e enriquecer enquanto cidadãos.

Os objetivos que nos propúnhamos alcançar foram atingidos. Os alunos ficaram a conhecer as causas que levaram a que Portugal entrasse na 1ª Guerra Mundial e o modo como os nossos soldados foram desenraizados do seu ambiente e recrutados para um cenário completamente estranho e "imprevisível". Perceberam ainda os custos humanos e materiais que uma Guerra como esta acarreta e as consequências não só imediatas mas também a longo prazo que daí podem advir.

Foi igualmente importante e enriquecedor contactar e ouvir da parte de pessoas que conviveram com participantes ativos na 1ª Guerra, a emoção que sentiram com as suas partidas e a dor de nunca os verem chegar. A análise de documentos escritos pelo punho desses participantes permitiu aos alunos perceber tanto a dor da saudade de quem está longe bem como a necessidade de dar notícias para não preocupar os mais queridos. A visita à casa onde nasceu e cresceu António de Sá Leones foi importante para os alunos perceberem as condições e os meios (completamente diferentes dos que eles possuem hoje) em que viviam os soldados limianos antes de partirem para a Guerra.

A saga vivida por estes alunos contagiou toda a comunidade envolvente, não só por terem reposto a verdade quanto à verdadeira identidade do soldado António de Sá Leones, mas, também o espírito e dedicação a que estes verdadeiros ratos de biblioteca já nos habituaram, não passou despercebida em vários órgãos de comunicação social da região.

"A guerra é um massacre de homens que não se conhecem em benefício de outros que se conhecem, mas não se massacram."

(Paul Valéry)

Referências bibliográficas

- DANTAS, Luís. *Os limianos na grande Guerra*. Execução Gráfica: Grafislimia, Artes Gráfica, Lda, 2007.
- BRETTELL, Caroline. *Homens que partem, mulheres que esperam*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- Santos, Gil Manuel; Santos, Gil Filipe. *A Saga de um Combatente na I Guerra Mundial*. 2 ed. Âncora Editora, 2014
- Amaral, Cláudia; Alves, Bárbara; Tadeu, Tiago. *Missão: História 9*. Porto Editora, 2015
- <http://montedo.blogspot.pt/2014/06/assassinato-do-arquiduque-da-austria.html> Data:4/05/2016, Hora: 14h30
- <http://noticias.terra.com.br/mundo/primeira-guerra-mundial-armas/> Data:6/05/2016, Hora: 10h30
- <https://tepegopelahistoria.wordpress.com/2012/05/27/o-saldo-da-guerra/> Data:17/05/2016, Hora: 14h30
- <http://c.geneal.over-blog.com/article-27561839.html> Data:17/05/2016, Hora: 14h30
- <http://www.portugal1914.org/portal/pt/escolas-historia> Data:4/05/2016, Hora: 14h30
- <http://www.centenariodarepublica.org/centenario/2009/04/29/o-crime-portugal-na-i-grande-guerra/>
Data:18/05/2016, Hora: 14h30
- <http://www.arqnet.pt/portal/portugal/grandeguerra/pgm1916.html> Data:20/05/2016, Hora: 11h
- <http://genealogiafb.blogspot.pt/> Data:20/05/2016, Hora: 14h30
- <http://www.militarypower.com.br/frame4-warPGM.htm> Data:23/05/2016, Hora: 9h
- <https://run.unl.pt/bitstream/10362/7324/1/CORPOTESE.pdf> Data:24/05/2016, Hora: 15h
- <http://areadeprojecto9cccb.blogspot.pt/2008/10/batalha-la-lys.html> Data:25/05/2016, Hora: 16h
- <http://moodle.ag-sg.net/mod/book/view.php?id=14123&chapterid=1020> Data:25/05/2016, Hora: 16h
- http://www.momentosdehistoria.com/MH_05_03_01_02_Exercito.htm Data:24/05/2016, Hora: 15h15
- <http://letrasdespidas.blogspot.pt/2014/06/em-paz-os-filhos-enterram-seus-pais.html> Data:31/05/2016, Hora: 15h
- https://www.revistamilitar.pt/artigo.php?art_id=699 Data:31/05/2016, Hora: 14h45
- <http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/Cemiterios.aspx> Data:16/03/2016, Hora: 14h30; Data:19/04/2016, Hora: 9h30; Data:29/04/2016, Hora: 14h30; Data:31/05/2016, Hora: 14h50
- <http://www.portugal1914.org/portal/pt/historia/a-guerra-1914-1918/item/6929-o-cemiterio-militar-portugues-de-richebourg-l-avoue> Data:3/06/2016, Hora: 11h45
- <http://viajandonotempo.blogs.sapo.pt/recordando-norton-de-matos-37535> Data:3/06/2016, Hora: 12h
- <http://www3.uma.pt/alicemendonca/conteudo/investigacao/evolucaodapoliticaeducativaemPortugal.pdf>
Data:3/06/2016, Hora: 11h45
- <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12750/1/Guilhermina%20Mota%2038.pdf> Data:7/06/2016, Hora: 14h30
- <http://kostadealhabaite.blogspot.pt/2011/04/batalha-de-la-lys-foi-93-anos.html> Data:7/06/2016, Hora: 14h40
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal_na_Primeira_Guerra_Mundial Data:3/06/2016, Hora: 14h30

Anexo 1

Email enviado ao arquivo Municipal e ao Museu dos Terceiros

From: [Adriana Abreu](#)
Sent: Friday, February 26, 2016 11:36 AM
To: arquivo@cm-pontede lima.pt ; mute_geral@museusponte de lima.com
Subject: Projeto "Do soldado desconhecido ao soldado conhecido"

Ex.mo Senhor(a)

No âmbito do Projeto Rato de Biblioteca - "Do soldado desconhecido ao soldado conhecido", promovido pela Fundação Vox Populi, os alunos do 5ºD que frequentam o Centro Educativo das Lagoas, vêm por este meio solicitar informação sobre o soldado António de Sá Lemos, oriundo da freguesia de Moreira do Lima, o qual foi combatente na I Guerra Mundial. Tendo como objetivo tornar este "soldado desconhecido" um "soldado conhecido", agradecemos todo o apoio que nos puderem disponibilizar no que diz respeito à I Guerra Mundial, nomeadamente uma visita às vossas instalações e a vossa disponibilidade para vir à nossa escola desenvolver uma palestra sobre o tema.

Agradecemos desde já a vossa disponibilidade,

Com os melhores cumprimentos,

Os alunos do 5ºD

email de contacto (diretora de turma): adriana.abreu@aearcozelo.pt

Anexo 2

Resposta do Museu dos Terceiros via email

De: MUTE - José Dantas <mute.tecnico@museuspontedelima.com>

Enviado: 3 de março de 2016 16:53

Para: Adriana Abreu

Cc: Geral - Museu dos Terceiros

Assunto: Soldado António de Sá Lemos

Exma. Senhora Prof. Adriana Abreu,

É altamente louvável a iniciativa de trazer ao conhecimento das pessoas a vida e a obra do soldado António de Sá Lemos, mas infelizmente não tenho qualquer informação que lhes possa interessar sobre o referido soldado natural de Moreira do Lima. Recordo que o Museu dos Terceiros é essencialmente um museu de arte religiosa e que o Centro de Interpretação da História Militar de Ponte de Lima, que abrirá ainda este ano no edifício do Paço do Marquês, tem como limite do seu horizonte temporal os inícios do século XIX (nas Invasões Francesas, nas quais morreu muita gente de Ponte de Lima, de quase todas as freguesias), não entrando no século XX. Peço para transmitir esta informação aos seus pequenos "ratos de biblioteca", lamentando não poder ser útil.

Sempre ao dispor
José Velho Dantas

Museu dos Terceiros-Serviço de Coleções

(Município de Ponte de Lima)

Avenida 5 de Outubro

4990-028 Ponte de Lima

Telefone: 258240220

Anexo 3

Resposta do Arquivo Municipal de Ponte de Lima via email

De: Arquivo Municipal de Ponte de Lima <arquivo@cm-pontedelima.pt>

Enviado: 3 de março de 2016 14:05

Para: Adriana Abreu

Assunto: Re: Projeto "Do soldado desconhecido ao soldado conhecido"

Exmos alunos do 5ºD do Centro Educativo das Lagoas

Relativamente ao solicitado e após breve pesquisa, cumpre-me informar que não dispomos de qualquer informação sobre o soldado António de Sá Lemos.

Assim sendo, sugerimos que tentem localizar eventuais familiares, junto da Junta de Freguesia de Moreira do Lima.

Mais se informa que, caso pretendam, poderemos ceder à vossa escola, temporariamente, a exposição intitulada "Os limianos na Grande Guerra: centenário da I Guerra Mundial (1914-2014)".

Estamos disponíveis para receber a vossa visita no Arquivo Municipal. Para o efeito, precisamos apenas que nos indiquem a data pretendida.

Continuamos à disposição para qualquer esclarecimento.

Com os melhores cumprimentos,

Cristiana Freitas

Arquivo Municipal de Ponte de Lima

Largo Dr. António Magalhães

4900-056 Ponte de Lima

Tel.: 258900425 | Fax.: 258900410 (geral)

e-mail: arquivo@cm-pontedelima.pt

Website: <http://arquivo.cm-pontedelima.pt/>

Facebook: <https://www.facebook.com/ArquivoMunicipalPontedeLima>

Anexo 4

Resposta do Dr. Mário Leitão via email

De: António Mário Leitão <gentelimiana@gmail.com>

Enviado: 8 de março de 2016 13:02

Para: Adriana Abreu

Assunto: Re: Projeto "Do soldado desconhecido ao soldado conhecido"

Cara Prof. Adriana Abreu:

Obrigado pelo seu contacto! Terei muito prazer em participar no vosso projecto, com uma pequena palestra para os alunos, em que poderei:

- resumir a participação dos minhotos na I Grande Guerra (origem dos soldados, preparação em Tancos, localização das nossas companhias na Flandres, o inferno das trincheiras, os campos de concentração, os repatriados, os cemitérios, etc);
- bibliografia essencial sobre essa guerra, com eventuais dados sobre o Soldado ANTONIO LEMOS;
- a minha experiência em pesquisa histórica LIMIANA (objectivos, interesse, metodologias);

Disponho de excelentes imagens sobre essa temática e poderia ir à vossa Escola quando entenderem. Telefone: 967039844.

Com os meus cumprimentos e ao dispor,

Mário Leitão

De: António Mário Leitão <gentelimiana@gmail.com>

Enviado: 16 de março de 2016 20:12

Para: Adriana Abreu

Assunto: Re: Projeto "Do soldado desconhecido ao soldado conhecido"

Sr^a Professora Adriana Abreu!

Obrigado pelo seu contacto!

Conte comigo no dia 5 de Abril, terça-feira, pelas 15:30.

Irei uns minutos mais cedo, por causa da logística (Pen, projecção de slides, quadro... o que for!).

Acredito que os Meninos vão conhecer melhor alguns detalhes da I Grande Guerra e, sobretudo, descobrir quem foi ANTÓNIO DE LÁ LEMOS! Também será importante para eles valorizarem ainda mais, se possível, a importância da História e conhecerem alguns métodos que eu (simple analista clínico, farmacêutico e professor, agora virado para a Genealogia Limiana!...) adopto nas minhas investigações.

Vai ser bom, acredito!

Os meus cumprimentos e obrigado pelo honroso convite!

Mário Leitão

Anexo 5

Carta envia via email ao Arquivo Histórico Militar (entidade que desenvolveu o Memorial aos Mortos na Grande Guerra)

Ex.mo Senhor(a)

Somos alunos do 5ºD, frequentamos o Centro Educativo das Lagoas, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Arcozelo, em Ponte de Lima, e estamos a desenvolver o Projeto Rato de Biblioteca "*Do soldado desconhecido ao soldado conhecido*", uma iniciativa promovida conjuntamente pela Direção-Geral de Educação, pela Fundação Vox Populi e pela Comissão coordenadora das Evocações do Centenário da I Grande Guerra Mundial.

Iniciamos a nossa pesquisa através do Memorial dos Mortos da Grande Guerra com o seguinte link

<http://www.memorialvirtual.defesa.pt/Paginas/HomensPesquisa.aspx/Results.aspx?k=ponte%20de%20lima>

Foi através dele que selecionamos o soldado que iríamos tornar conhecido. Como a maioria dos alunos da turma são oriundos da freguesia do Moreira do Lima, escolhemos o soldado **António de Lá Lemos**, assim identificado no Memorial, natural desta freguesia.

Para espanto de todos, dois meses depois de iniciarmos a nossa pesquisa, através de pessoas singulares e entidades públicas como os Arquivos Municipais de Ponte de Lima e de Viana do Castelo, os registos de nascimento da freguesia de Moreira do Lima (através do pároco) e a Junta de Freguesia de Moreira do Lima, não conseguimos obter qualquer informação deste soldado, nem o apelido Lá Lemos foi reconhecido no concelho de Ponte de Lima.

Começou, no entanto, a surgir a dúvida acerca da correção do nome, pois ao longo das pesquisas foi aparecendo o apelido Sá Leones, este sim, um apelido bastante conhecido em Moreira do Lima.

Cruzando os dados que aparecem no Memorial com os que existem nos registos de nascimento da freguesia, chegamos à conclusão que o soldado que nós pretendemos "tornar conhecido" se chama, afinal, **António de Sá Leones**.

Presumimos, então, que deve ter havido um erro na transcrição do nome, no Memorial.

O soldado **António de Sá Leones** tem familiares que ainda vivem em Moreira do Lima, alguns dos quais já tivemos o prazer de entrevistar, e pudemos constatar a enorme tristeza que sentem de não ver o nome do seu familiar no Memorial.

Se (e todos os dados apontam nesse sentido), a nossa hipótese for verdadeira, gostaríamos de ver corrigido o nome do nosso soldado, de **António de Lá lemos**, para **António de Sá Leones**.

Partilhamos os links sobre a nossa pesquisa até ao momento,

<http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/03/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado.html>

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/03/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_24.html

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_6.html

<http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado.html>

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_10.html

http://centroeducativolagoas.blogspot.pt/2016/04/projeto-rato-de-biblioteca-do-soldado_14.html

Agradecemos desde já a vossa disponibilidade e apoio que nos puderem disponibilizar,

Com os melhores cumprimentos,

Os alunos do 5ºD

email de contacto (diretora de turma): adriana.abreu@aearcozelo.pt

Anexo 6

Resposta do Arquivo Histórico Militar à Carta enviada via email



MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
EXÉRCITO PORTUGUÊS
VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
DIREÇÃO DE HISTÓRIA E CULTURA MILITAR
ARQUIVO HISTÓRICO MILITAR

Para:

Exma. Sr.^a
Professora Adriana Abreu
E-mail: adriana.abreu@aearcozelo.pt

Referência:
E-mail de 21ABR16

Nossa referência:
N.º 421/16 Proc.º SILD.85.400.227 de 26ABR16

ASSUNTO: Pedido de informação sobre combatente do CEP

Agradece-se o seu contacto que nos mereceu a melhor atenção. Verifica-se de facto um erro na identificação do soldado António de Sá Leones, que devido a uma incorreta interpretação do registo manuscrito constante no denominado livro dos mortos por concelho, cuja cota é PT/AHM/DIV/1/35/1270B, fez com que no Memorial Virtual ele surja como António de Lá Lemos. Esse lapso será corrigido oportunamente, bem como irá ser disponibilizado o seu boletim individual do Corpo Expedicionário Português (CEP), assim que tal for possível, dado que está em curso a digitalização e disponibilização *online* dos boletins individuais de todos os militares do CEP.

A informação constante neste boletim é escassa, nomeadamente quanto ao local de sepultura, que é desconhecido, dado que o soldado António de Sá Leones deverá ter sido um dos muitos militares desaparecidos no dia 9 de abril de 1918, aquando da batalha de La Lys. Consta apenas que duas testemunhas atestam a sua morte por ferimentos recebidos em combate, bem como alguns dados biográficos (filiação, naturalidade e residência) e militares (unidade e data de embarque e morte).

Com os melhores cumprimentos,

O DIRETOR EM REGIME DE SUPLÊNCIA

Documento autêntico,
Original assinado e arquivado na Secção de
Investigação, Leitura e Divulgação do AHM.

JOAQUIM JOSÉ DA CUNHA ROBERTO
CAP TPESSECR